

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Abril - 2023
Ano LXXIV - Nº 2
R\$ 12,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 12,00

Zé do Norte

A saga do autor de 'Mulher rendeira'

As músicas, as controvérsias e a trajetória do compositor de mais de 150 canções, um cajazeirense que saiu do Sertão da Paraíba para ganhar o mundo e é o homenageado do Festival de Música da Paraíba de 2023



Livraria **AUNIÃO**

Bem-vindo(a) à
casa da literatura paraibana

marketing EPC



Acesse online



Espaço Cultural José Lins do Rego
João Pessoa - PB



@livrariaauniao



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

@epcpb

Resgates importantes

O Festival de Música da Paraíba vem dando uma importante contribuição à memória musical do estado. Ao elencar nomes do passado para serem celebrados em cada edição, o evento, promovido pelo Governo do Estado, através da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e Fundação Espaço Cultural (Funesc), faz emergir o talento de artistas que já partiram, mas deixaram um legado importantíssimo para o estado.

Ao eleger Zé do Norte, na edição deste ano, o Festival de Música da Paraíba coloca em evidência um nome reconhecido internacionalmente através de sua música, afinal ele é o autor de 'Mulher rendeira' e 'Sodade, meu bem sodade', entre outras pérolas do cancionário brasileiro, regravadas por bambas da nossa música e figurando na premiada trilha sonora do filme *O Cangaceiro*.

Mais uma vez, o Correio das Artes traz ao leitor reportagens de fôlego, ressaltando nossa gente e nossa cultura

Aliás, a vida de Zé do Norte daria um filme. Longe de ter a pretensão de ser uma biografia ampla, ou o roteiro de um longa-metragem, coube ao **Correio das Artes** ir atrás dos fatos que transformaram Zé do Norte em compositor requisitado, entre controvérsias envolvendo a autoria de

'Mulher rendeira' e mágoas registradas pelo próprio compositor em entrevistas, que a repórter Alexsandra Tavares recupera na matéria de capa desta edição, em meio a depoimentos exclusivos, incluindo uma "fala" pequena, mas preciosa, de Caetano Veloso, intermediada pelo colega jornalista Kubitschek Pinheiro.

Importante destacar, também, que a edição que o leitor tem em mãos traz um precioso material, atualizado, sobre o legado de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, cujo nascimento alcançou 180 anos em 29 de abril de 2023.

Então, mais uma vez, o **Correio das Artes** traz, ao leitor, reportagens de fôlego, ressaltando nossa gente e nossa cultura.

Boa leitura!

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



LIVRO

Lançado em 2022 pela Companhia das Letras, o romance 'Caderno Proibido', de Alba de Céspedes, é analisado pela escritora Ana Adelaide Peixoto.



POESIA

Antropólogo e sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre deixou um livro de poemas. O escritor Francisco Gil Messias conta essa história.



MINICONTO

A professora e escritora Neide Medeiros brinda esta edição do 'Correio das Artes' com uma pequena narrativa ambientada na Alemanha.



CINEMA

Em 'Imagens Amadas', João Batista de Brito investiga uma personagem secundária da obra-prima 'Janela Indiscreta'. Confira!



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio C. Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA
Tonio
ILUSTRAÇÕES

Um **Zé** de todos os Nortes

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com



Ao nascer, em 1908, ele foi batizado de Alfredo Ricardo do Nascimento, mas quando começou a fazer suas primeiras apresentações artísticas no Rio de Janeiro adotou o nome de João Joca, que não emplacou. Depois, quando foi cantar em uma emissora de rádio carioca, criou o pseudônimo de Zé do Norte. Foi assim que esse paraibano, cantor, escritor, folclorista, embolador, poeta, animador de programa radiofônico e compositor de mais de 150 canções, quebrou barreiras geográficas e ficou conhecido não apenas no Norte, mas nos quatro cantos do Brasil e até fora dele. Foi esse sertanejo quem lançou o sanfoneiro Luiz Gonzaga, e outros artistas que ficaram famosos.

O talento como compositor, porém, é considerado seu maior legado, chamando a atenção de cantores consagrados no Brasil como Maria Bethânia, Caetano Veloso, Alceu Valença e a paraibana Socorro Lira, que gravaram suas músicas. Este ano, comemora-se 115 anos do nascimento de Zé do Norte, que, como muitos nordestinos, foi morar no Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades profissionais. O aniversário será lembrado com homenagem do Governo do Estado, que celebra a memória do artista através do Festival de Música da Paraíba.

Mesmo vivendo grande parte da vida na “Cidade Maravilhosa”, local em que também faleceu, em 1992, Alfredo Ricardo do Nascimento nasceu sob o sol forte do Sertão paraibano, no Sítio São Francisco, em Cajazeiras. Nessa propriedade, o pai, Antônio Ricardo, arrendou uma terra e trabalhava como agricultor, enquanto a mãe, Maria das Dores da Conceição, cuidava da casa e dos cinco filhos. Além de Alfredo Ricardo (caçula) tinha Antônio, Ananias, José e Pedrina.

Ao longo da vida, o pequeno Alfredo trabalhou com a lida no campo, enfrentou dificuldades econômicas e não teve regalias. Ainda criança, ficou órfão de pai e mãe. Uma das curiosidades sobre a trajetória do artista diz respeito ao nome “Zé do Norte”, que nada tem a ver com o seu nome de origem. O esclarecimento foi feito pelo próprio paraibano, em uma entrevista concedida em 1987 à jornalista e professora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras, Mariana Moreira. A entrevista, publicada em uma página inteira do centenário jornal **A União**, trouxe detalhes da trajetória do artista. Em um dos trechos, ele explicou a escolha do seu pseudônimo: “Eu sempre fui um leitor do Gustavo Barroso, o João do Norte. Então, quando fui fazer o meu primeiro show na Rádio Tupy, em 1939, os apresentadores (Paulo Gracindo e Manoel Barcelos) perguntaram meu pseudônimo. Então, depressa, me inspirei no João do Norte e disse: ‘Zé do Norte’”, contou.

Paraibano de Cajazeiras, Zé do Norte compôs mais de 150 músicas e lançou o então desconhecido Luiz Gonzaga ao estrelato

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Jornalista e professora, Mariana Moreira entrevistou Zé do Norte em 1987 para o jornal A União: “Alegre, brincalhão, galanteador, mas sem faltar com o respeito”

“

Eram telefonemas perguntando de onde eu era, se era do Ceará (...). Eu disse, então, que era de Cajazeiras, e ninguém nunca tinha ouvido falar desse lugar

Zé do Norte

Quando os apresentadores da rádio perguntaram o motivo dessa opção, o paraibano deu uma justificativa que condiz com sua conduta profissional, que reverbera, seja na música ou na escrita, memórias e costumes de sua gente. “Porque eu sou do Norte e quero defender a música do meu povo. Aí foi um rebuliço danado. Eram telefonemas perguntando de onde eu era, se do Ceará, porque eu tinha dito que era da fronteira da Paraíba com o Ceará. Eu disse então que era de Cajazeiras, e ninguém nunca tinha ouvido falar desse lugar”, contou, na época, Zé do Norte à Mariana.

De uma terra anônima, Cajazeiras ficou sendo a cidade natal de um paraibano que achava Jorge Amado “um crânio” e apreciava a obra de José Lins do Rego, mas para ter acesso às instruções escolares no município onde nasceu, teve de fazer o serviço de limpeza no Colégio do Padre Gerásio Coelho em troca de estudo. As dificuldades, porém, não lhe ofuscararam o talento, a vontade de aprender e crescer profissionalmente.

Em busca de oportunidades na carreira artística, saiu de casa aos 16 anos e foi para Fortaleza (CE). Por volta dos 18 anos, se alistou no Exército e, mais tarde, tornou-se “guarda mata-mosquito”, uma espécie de fiscal sanitário que existia nas décadas de 1920 e 1930. A missão dele era visitar as casas em busca de mosquitos causadores de endemias, como a da Febre Amarela.

Na entrevista que concedeu à professora Mariana, o paraibano contou uma experiência curiosa dessa fase de guarda-mosquito, registrada na autobiografia *As Memórias de Zé do Norte*, recém-lançada por ele em 1987. O autor paraibano disse que conheceu um homem que não gostava de guarda mata-mosquito - o marechal Setembrino de Carvalho. Em suas diligências à procura de mosquitos ou criadouros, visitou uma casa, mas não sabia quem era o proprietário. Lá, encontrou um foco de mosquitos e perguntou à empregada que o recebera onde estava o patrão.

No meio da conversa, um ho-

mem apareceu de dentro de um dos cômodos e perguntou o que aquele guarda-mosquito queria com o patrão. “Respondi: Meu patrão, encontrei um foco de mosquitos em seu quintal e vou levar para a reparição. Ele reagiu, ameaçou chamar a polícia, mas eu fui embora com os mosquitos. Deu um rebuliço danado com o conhecimento do Diretor de Saúde Pública, Clementino Fraga, e foi parar no Ministério da Guerra”, detalhou Zé, no registro divulgado por **A União**.

Ao conceder entrevista para o **Correio das Artes**, a professora Mariana, hoje com 63 anos, afirmou que havia conhecido Zé do Norte em 1985, dois anos antes da entrevista do jornal, quando o artista havia sido escolhido para ser o patrono do Festival de Artes da Paraíba, realizado em Cajazeiras. Naquele tempo, ninguém duvidava do grande talento do artista, que já havia composto músicas como ‘Balança na rede’, ‘É de um lado só’ e ‘Lua bonita’, esta última gravada por Maria Bethânia.

A professora Mariana, juntamente com outros professores e intelectuais da época, se mobilizaram para fazer essa homenagem ao paraibano no festival. “Este encontro foi marcado por muita emoção, pois somente no início da tarde do dia de abertura do Festival é que Zé do Norte chegou em Cajazeiras. Vendo aquele homem com um chapéu de couro, um bernal cruzado no peito, com um passo lento, bem comum a tantos outros sertanejos nossos que, nos sábados de feira livre na cidade, circulavam por entre barracas e prosas, e com o nosso linguajar que em nada fora afetado pelo longo tempo de vivência no Rio de Janeiro, me identifiquei com ele e o vi como um artista da nossa gente”, declarou Mariana.

Para ela, o paraibano multifacetado, que foi cantor, escritor, declamador, folclorista e, ao atuar em programas de rádio, ainda revelou nomes como o de Inezita Barroso, Luiz Vieira e Luiz Gonzaga, deixa como principal legado as suas cerca de 150 composições. “E de todos os gêneros, muitas gravadas no estrangeiro”, acrescenta a professora. “Também merece igual relevância sua verve literária, com a publicação de três obras fantásticas, além das *Memórias de Zé do Norte*, que são: *Brasil Sertanejo*, *O Lobisomem de Cajazeiras* e *A Vingança da Nega Ouro*”.



Em 1987, uma entrevista de Zé do Norte à jornalista Mariana Moreira ganhava página inteira no jornal **A União**

ABRAÇO EM FORMA DE VERSO

A jornalista e professora da UFCG, Mariana Moreira, foi uma das pessoas próximas de Zé do Norte. Ela contou que, a mãe do artista, Maria das Dores da Conceição, após perder o marido (Antônio Ricardo) em 1910, teve de sair do sítio e ir para a cidade, por não poder ficar mais na propriedade, que era arrendado. Foi na cidade que a mãe de Zé do Norte passou a costurar para fora para ganhar alguns trocados.

“Alfredo, que era o caçula, foi matriculado na escola pública, cujo diretor era o professor Crispim Coelho. Não chegou a terminar a 5ª série, porque a família teve de se mudar para outro lugar, distante cinco léguas de onde moravam. Em 1919, ele perdeu a mãe, vitimada pela epidemia espanhola.”

A professora contou que, com 10 anos e órfão de pai e mãe, o garoto teve de aceitar todo tipo de serviço para se sustentar: foi tangedor de burro, cambiteiro de cana para engenhos e vendedor de água pelas ruas de Cajazeiras. Em 1926, resolveu assentar praça no Exército, tentando ir para o Rio de Janeiro. Conseguiu viajar para o Rio e ficou no Exército por três anos, saindo como enfermeiro. No entanto, não conseguiu ocupação nessa profissão e foi ser guarda matamosquito. Ainda trabalhou em Três Rios, como feitor de uma estrada de ferro e, voltando ao Rio, arranhou um emprego de enfermeiro no Sanatório de Botafogo.

As impressões que a professora tem de Zé do Norte, nas vezes que encontrou com ele na Paraíba, era de “um ser humano alegre, brincalhão, galanteador, mas sem faltar com o respeito”. Um desses encontros foi em 1985, durante o Festival de Artes, em Cajazeiras. “Depois que ele voltou ao Rio de Janeiro continuei mantendo contato, mesmo quando ele já estava em uma casa de repouso”, disse.

Em um desses contatos, por telefone, Mariana declarou que ao atender ao telefone, Zé do Norte revelara que havia recebido a visita de um amigo e deixou com ele o seguinte recado:

*Se você for à Paraíba,
Dê um pulo em Itabaiana.
Depois vá a Cajazeiras,
E dê um abraço em Mariana.*



FOTO: IZA GUEDES/DIVULGAÇÃO

Socorro Lira tem um disco inteiro dedicado ao cancionário de Zé do Norte e explica a controvérsia envolvendo 'Mulher rendeira': "Ele adaptou a canção tradicional, inseriu versos e lançou a música"

AS CONTROVÉRSIAS DE 'MULHER RENDEIRA'

Das mais de cem músicas compostas por Zé do Norte, destacam-se 'Sodade, meu bem sodade', 'Lua bonita' e, indiscutivelmente, o sucesso 'Mulher rendeira'. Em torno dessa última canção, giram controvérsias sobre a autoria de Zé do Norte, que teria se apropriado das cantigas populares repetidas Brasil a fora pelos cangaceiros do Nordeste, inclusive por Virgulino Ferreira, o temido Lampião.

A cantora Socorro Lira, que gravou um disco com músicas de Zé do Norte no ano do centenário de nascimento do paraibano, sabe bem dessa história. Durante a produção do disco *Lua Bonita - Zé do Norte 100 anos* (2009/2010), ela pesquisou sobre

a vida do artista cajazeirense.

Segundo ela, 'Mulher rendeira' era cantarolada pelos cangaceiros nordestinos, uma canção tradicional, mas Zé do Norte recolheu, adaptou, inserindo alguns versos, e lançou a música, que explodiu não só no Brasil, mas fora dele, uma vez que é cantada em outros idiomas. Um exemplo foi a cantora norte-americana Joan Baez, que a incluiu em uma das faixas do disco intitulado 5, com o nome de 'O cangaceiro'.

'Mulher rendeira' é uma das canções que está no filme *O Cangaceiro* (1953/Lima Barreto), um dos primeiros sucessos do cinema nacional. O longa-metragem conquistou o prêmio de melhor trilha sonora no Festival Internacional de Cannes (França). Apesar da relevância da premiação do longa, o crédito pela canção não foi atribuído a Zé do Norte, uma vez

que houve o entendimento de que tratava-se de uma obra de domínio público.

“Eu tenho a entrevista que Zé deu para uma rádio em que ele diz que recolheu a música ‘Mulher rendeira’, ‘botou um laço de fita nela e deu para Lima Barreto’. Então, é uma música tradicional, em que as pessoas vão colocando lá um pedacinho. Quando eu gravei, coloquei também uma estrofe. Ela é de domínio público e Zé reconhece. Mas as grandes editoras da época, gravadoras, queriam ganhar dinheiro, e colocavam autoria até onde não tinha, porque era uma questão econômica. E às vezes, o artista não tinha como bater de frente. Também não sei se era interesse dele bater de frente”, enfocou Socorro Lira.

Apesar de fazer algumas ressalvas sobre o teor machista de algumas composições de Zé do Norte, a cantora declarou que o paraibano “para o bem e para o mal, foi um artista muito valioso, que cantou o Brasil inteiro e que olhou para a cultura afro-brasileira”.

Durante a produção do disco que homenageou o cajazeirense, foi feito um trabalho cuidadoso de seleção das músicas. O resultado foi um material “bonito”, que rendeu à cantora o 23º Prêmio da Música Brasileira (2012), na categoria regional. “Porque a obra dele é bonita, é valiosa. Entre outras coisas, eu gravei toda contribuição dele para a trilha do filme *O Cangaceiro*, de Lima Barreto. Zé do Norte fez essa trilha que rodou o mundo, porque o filme rodou o mundo. Eu acho que Zé do Norte é imenso”, declarou Socorro.

Na entrevista que concedeu à jornalista e professora da UFCG, Mariana Moreira, em 1987, no jornal **A União**, Zé do Norte fez um desafo sobre o fato de o cineasta Lima Barreto não ter lhe dado o crédito na canção que adaptou, pois se não tivesse sido a iniciativa dele, a música tradicional jamais poderia ter virado o sucesso estrondoso que se tornou. “Eles fizeram uma sacanagem com o registro de ‘Mulher rendeira’. Eu vim para o Rio de Janeiro e lá em São Paulo, o Lima Barreto registrou a música como de domínio público, mas o empresário registrou no exterior como minha, e a Editora Bandeirantes registrou no Conservatório Nacional de Música, prevalecendo meu arranjo. Do estrangeiro,

quem me paga mais direito autoral é a Alemanha, depois a França e o Japão. Eles são doidos por ‘Mulher rendeira’, que chama de ‘Cangaceiro’, mas gostam também da música ‘Meu pião’.

A canção ‘Meu pião’, assim como ‘Sodade, meu bem sodade’ e ‘Lua bonita’, são composições de Zé do Norte que também fazem parte da trilha do filme *O Cangaceiro*. Mariana Moreira afirmou que, a mágoa do cajazeirense com Lima Barreto também foi expressa no livro *As Memórias de Zé do Norte*. “No livro, ele fala: ‘A palavra de Lima Barreto e um risco na água para mim sempre foi a mesma coisa’”.

A professora acrescentou que nesse mesmo trecho da obra, Zé narra detalhadamente essa tumultuada relação com o cineasta, sobretudo, “as artimanhas montadas por Lima Barreto para lhe usurpar a autoria da



Premiada em Cannes, a trilha sonora de 'O Cangaceiro' continha 'Mulher rendeira', mas Zé do Norte sempre se queixou que Lima Barreto nunca lhe dera o crédito pela música

trilha sonora de *O Cangaceiro*”.

Enquanto há quem atribua o crédito ao paraibano, outros, apesar de reafirmar que o compositor é “genial”, garante que ele se apropriou das canções cantadas pela própria mãe, quando criança. Essa versão é defendida pelo jornalista José Nêumanne Pinto. “Fui grande amigo de Zé do Norte. Tomava chope com ele no Bar Brasil, um restaurante alemão na Lapa (Rio de Janeiro). Os companheiros de copo eram Zé Ramalho e o xilogravador Ciro de Uiraúna”, disse.

Nêumanne Pinto contou que teve oportunidade de esclarecer a Socorro Lira esse assunto. “‘Muié rendeira’ foi composta por Lampião, em pessoa”, destacou.

CAETANO VELOSO E ZÉ DO NORTE

O impacto de *O Cangaceiro*, tanto o filme, quanto sua trilha sonora, reverberou em Caetano Veloso. “Ouvi a música de Zé do Norte em *O Cangaceiro*, cantada por Vanja Orico. Nunca esqueci”, revelou o cantor e compositor baiano ao **Correio das Artes**, referindo-se à atriz que surge na tela cantarolando ‘Mulher rendeira’, de Zé do Norte.

Caetano voltou ao paraibano em sua obra-prima *Transa*. Gravado durante o exílio do baiano em Londres, o LP de 1972 mistura letras em inglês e português, evocando o Brasil profundo com uma sonoridade pungente.

O compositor cajazeirense compara – embora não seja creditado – na letra de ‘It’s a long way’. “Woke up this morning / Singing an old, old Beatles song / We’re not that strong, my Lord / You know we ain’t that Strong”, canta Caetano os primeiros versos da música (“Acordei esta manhã / Cantando uma velha, velha canção dos Beatles / Não somos tão fortes, meu Senhor / Você sabe que não somos tão fortes”, em tradução livre).

Intercalando o refrão, em inglês, Caetano insere versos de ‘Sodade, meu bem sodade’, uma das músicas mais conhecidas de Zé do Norte, regravação também por Nana Caymmi, Eduardo Araújo, Pena Branca & Xavantinho, Renato Braz e Quinteto Violado e foi citada até por Bethânia no disco *Olho d’água*.

“Zé do Norte é um anjo pra mim”, arremata Caetano Veloso.

ARTISTA QUASE POLÍTICO

Além de desempenhar várias atividades artístico-culturais, o sertanejo Zé do Norte ainda foi candidato a vereador em 1950, no Rio de Janeiro. Essa experiência foi lembrada pelo professor Aguinaldo Rolim e registrada na entrevista que o artista concedeu à jornalista e professora Mariana Moreira, na década de 1980. Na matéria, o paraibano disse que perdeu a vaga de político porque naquele tempo não poderia se candidatar com o pseudônimo, mas apenas com o nome de batismo.

“...Só tirei trezentos e poucos

votos, porque estava rompido com o Lutero Vargas, com quem fiz a campanha do quererismo, e também porque me registrei no Tribunal Eleitoral como Alfredo Ricardo do Nascimento, e todo mundo só me conhecia como Zé do Norte (...). Como o Tribunal não aceitava a inscrição do pseudônimo dos candidatos, aí eu vi que ia perder e levei o negócio na brincadeira”, declarou, na época.

O paraibano foi candidato a vereador pelo Partido Social Trabalhista (PST) e rompeu com Lutero Vargas porque Lutero, que era médico, teria se recusado a ir receitar a mulher de um operador da Rádio Tamoio, onde Zé do Norte trabalhava.

Na entrevista, o cajazeirense contou que, durante a apuração, já se sentindo derrotado, entrou no Tribunal todo de branco, fumando um charuto e cantando: “Ai doutor, ai doutor/gastei meu dinheiro todo/e não sou vereador”.

UM PARAIBANO QUE MERECE SER LEMBRADO

No 90º aniversário de nascimento de Zé do Norte, o professor e pesquisador Aguinaldo Rolim decidiu homenagear o paraibano. Com a ajuda de alguns professores, intelectuais e estudantes, fez uma exposição no Teatro Íracles Pires (ICA), em Cajazeiras, lembrando a vida e talento do artista. Dez anos depois, em 2008, Rolim decidiu fazer o documentário *Centenário Zé do Norte - 100 anos de sodade*, contando todas as fases da trajetória do paraibano, desde a infância até as várias atividades profissionais que o compositor vivenciou. Quando indagado sobre o interesse em exaltar a história do cajazeirense, o professor respondeu que há uma falta de “gratidão”, um esquecimento da cultura paraibana em relação a esse homem tão “polivalente”.

Na produção do documentário, Aguinaldo Rolim reuniu um grupo de pessoas para falar do homenageado. Foram chamados nomes como o do ator Ubiratan di Assis, a professora Mariana Moreira, o maestro Milton Cabrini, o jornalista Antonio Vicente, o médico Kleber Matias (autor do livro *Um Tal de Zé do Norte*), entre outros.

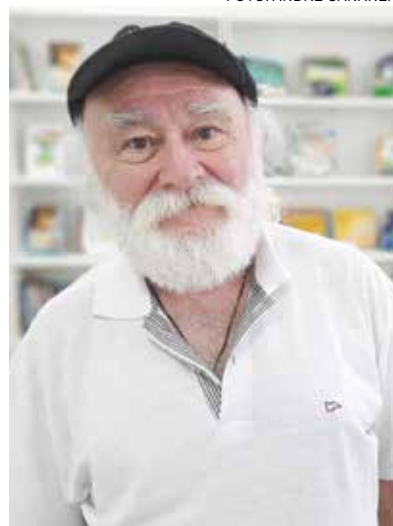
Rolim contou que o filho de Zé do Norte, o cantor Toninho de Lida, que

FOTO: NILTON FUKUDA/ESTADÃO CONTEÚDO



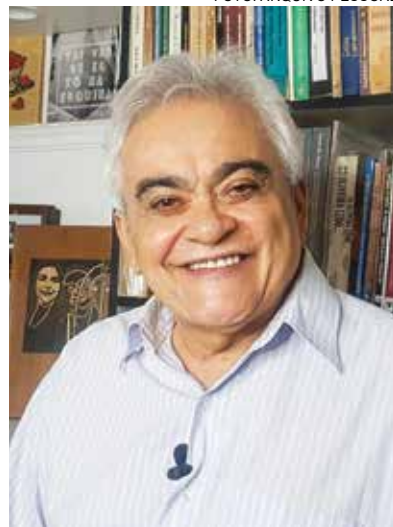
“Zé do Norte é um anjo pra mim”, afirma Caetano Veloso, que conheceu a música do paraibano em *O Cangaceiro*

FOTO: ANDRÉ CANANÉA



Autor de um documentário sobre Zé do Norte, o pesquisador Aguinaldo Rolim queixa-se de um esquecimento em relação a “homem tão polivalente”

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Nêumanne Pinto privou da amizade com Zé do Norte: “Tomava chope com ele no Bar Brasil, um restaurante alemão na Lapa”

faleceu no ano passado, também participou do projeto. “Nós fizemos esse documentário em 2008, mas não conseguimos apoio financeiro para lançar. Então, ele só foi sair depois de um investimento do FIC (Fundo de Incentivo à Cultura) Augusto dos Anjos, em 22 de agosto de 2014, seis anos depois. O documentário foi exibido em vários locais em Cajazeiras, inclusive nas escolas e na Praça do Leblon”, contou Rolim.

Segundo ele, foram feitas mil cópias do documentário. Durante as pesquisas para esse trabalho, Aguinaldo Rolim conheceu detalhes da vida do artista de origem pobre que, aos dois anos de idade perdeu o pai e, aos 11, a mãe.

Para o professor e pesquisador, falta o devido reconhecimento das autoridades, da sociedade, dos veículos de comunicação em que Zé tanto brilhou, como o rádio. “Um cidadão como esse, com toda sua história, de arte e de vida, não recebeu um minuto sequer de atenção de uma rádio, de uma TV brasileira e continua esquecido. A única coisa que Zé do Norte recebeu no centenário de nascimento foi o livro do médico pernambucano Kleber Matias. Isso é uma tristeza. Tanto que achei muito boa essa iniciativa de lembrar o nome de Zé do Norte nesta matéria”, declarou Rolim, se referindo à reportagem do **Correio das Artes** dedicada ao filho de Cajazeiras.

Segundo a jornalista e professora Mariana Moreira, Zé do Norte trabalhou em, pelo menos, quatro empresas de rádio do país. “Em 1939, ele começou sua vida artística na Rádio Tupi, como cantor e compositor. Transferiu-se para a Rádio Transmissora Brasileira, atual Rádio Globo, saindo, em 1945, para a Rádio Clube Fluminense. No mesmo ano, foi para a Rádio Clube Brasil, hoje Mundial, para apresentar, até 1946, o programa ‘Manhãs na Roça’”, comentou a professora.

Para ela, Zé do Norte foi um dos paraibanos que melhor expressou a cultura musical nordestina, conduzindo-a para

além das fronteiras do Norte. “Contemporâneo de Luiz Gonzaga, embora sem a sua projeção, Zé do Norte tem na sua música toda a expressão de nossa gente, cantando não apenas um Norte triste e melancólico, mas um Norte alegre, inteligente”.

A cantora Socorro Lira também disse que Zé do Norte é “grande, imenso”, mas faltou-lhe visibilidade e “a Paraíba poderia fazer mais pela

6º FESTIVAL DE MÚSICA DA PARAÍBA - UMA HOMENAGEM A ZÉ DO NORTE

A Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), além de dedicar a matéria de capa do **Correio das Artes** – um de seus veículos -, ao artista Zé do Norte, também dá visibilidade à trajetória do paraibano no 6º Festival de Música da Paraíba, que este ano terá como enfoque Uma homenagem a Zé do Norte. Esse é mais um reconhecimento do valor artístico e cultural do cajazeirense para a discografia não apenas local, mas nacional. As eliminatórias do Festival irão ocorrer em maio, em Cajazeiras, e a final no dia 3 de junho, em João Pessoa.

O diretor de Rádio e TV da EPC, Rui Leitão, afirmou que nas edições anteriores do evento se homenageou artistas de regiões como o Litoral e o Brejo, e este ano a ideia era escolher uma personalidade do Sertão. Dentre os nomes de sertanejos que poderiam ser destacados no festival, houve a escolha por Zé do Norte por causa do legado musical dele, que ultrapassou as divisas da Paraíba. “Ele é uma figura conhecida até internacionalmente por suas músicas, sua arte, suas composições, a exemplo de ‘Mulher readeira’, que é tocada no mundo inteiro. É um cajazeirense que orgulha a todos nós paraibanos”, salientou Rui.

A iniciativa é uma realização da EPC, por meio da Rádio Tabajara, juntamente com a Secretaria de Estado da Comunicação Institucional e a Fundação Espaço Cultural

sua cultura, pelas expressões que tem”. “Eu penso que Pernambuco e a Bahia são bons exemplos disso. Há estados que têm programações que incluem seus artistas, os que estão e as que estão aí, e quem está fora também. Como Zé do Norte veio para o Rio, ficou longe. A arte dele acabou acontecendo à nível nacional, não é só local. Por isso que ele contribui para o país inteiro’.

FOTO: EVANDRO PEREIRA/A UNIÃO



Rui Leitão, da EPC, justifica a escolha de Zé do Norte como homenageado do 6º Festival de Música da Paraíba: “Figura conhecida internacionalmente”

(Funesc). Tem a finalidade de valorizar e divulgar talentos da música paraibana.

“Esse trabalho é feito por meio de uma parceria entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Cajazeiras. Nos honra muito participar de um evento que prestigia esse cidadão ilustre de nossa cidade, um ícone para a cultura nacional”, declarou Ubiratan di Assis, secretário de Cultura e Turismo de Cajazeiras.

Alexandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



Pedro Américo, além de pintar e escrever, chegou a criar uma prensa de madeira, besuntada com fuligem e óleo, precursora do mimeógrafo, que só seria patenteado pelo inventor Thomas Edson em 1876

“

Na Câmara dos Deputados, Pedro Américo foi um ferrenho defensor da educação e da ecologia, numa época em que poucos se importavam com o meio ambiente

Thélio Queiroz Farias

Vida e obra de Pedro Américo

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Em 29 de abril de 1843, há 180 anos, nascia o paraibano Pedro Américo de Figueiredo e Melo na cidade brejeira de Areia. Difícil encontrar quem nunca ouviu falar de pelo menos uma de suas inúmeras obras, como o célebre quadro *Independência ou Morte*, popularmente conhecido como *O Grito do Ipiranga*. Os diversos talentos da criança prodígio, que desenhava e pintava com maestria, mas também esculpia, tocava, encenava e roteirizava peças teatrais para seus conterrâneos chegaram ao conhecimento do Império, que custeou grande parte da formação do paraibano nas melhores escolas brasileiras e europeias.

Assim, aos 11 anos de idade, o menino se despediu da família para acompanhar o naturalista francês Louis Jacques Brunet em uma jornada exploratória pelo Brasil, rumando para um universo de conhecimentos e oportunidades que foi-se ampliando, ultrapassou fronteiras e o colocou na lista dos protagonistas da história cultural nacional e mundial.

Pedro Américo morou no Rio de Janeiro, viveu grande parte da vida na Europa, e, antes de morrer, só foi a Areia de passagem, revisitar suas memórias. Prova de que se tornou mais do que um cosmopolita, um homem predestinado a buscar conhecimento e inspiração em qualquer continente do planeta. A vocação artística sempre estivera com ele, desde os primeiros anos de vida.

Quando criança, o artista paraibano já refletia os dons nas brincadeiras de menino. Fazia perfeitas esculturas de miolo de pão, cera ou argila; desenhava caricaturas dos conhecidos da cidade, foi inventor de engenhocas como o paraquedas confeccionado com lona e madeira e de um balão que decolou com sucesso, deixando boquiabertos os moradores da região.

Um de seus passatempos infantis, e que também fugia do comum, era escrever, dirigir, ser cenógrafo e, ao mesmo tempo, encenar peças teatrais que arrancavam aplausos dos moradores da pequena Areia. Para diversificar as falas das personagens, o menino articulava diversos timbres de voz, divertindo o público. Para imprimir os cartazes das peças, ele criou uma prensa feita de madeira, besuntada com fuligem e óleo. A prensa foi aproveitada até para imprimir folhetos da igreja. Pode-se dizer que a criação foi a precursora do mimeógrafo, que só seria patenteado pelo inventor Thomas Edison em 1876.

Entre os excepcionais desenhos, pintou no estabelecimento do pai uma cadeira tão realista que os desavisados corriam o risco de tentar sentar-se na própria pintura. Com apenas 11 anos, Américo desenhou, com perfeição, seu autorretrato.

Antes mesmo de o imperador Dom Pedro II tomar conhecimento dos talentos do menino e custear os estudos dele dentro e fora do país, Américo já era famoso no município de Areia e cidades vizinhas. Como afirmou o escritor e advogado Thélío Queiroz Farias, autor do livro *Além*



Para Thélío Queiroz Farias, autor do livro *Além do Ipiranga*, Pedro Américo foi um verdadeiro "pop star", prestigiado tanto pelo povo, como pela elite intelectual

do Ipiranga: A Extraordinária Vida de Pedro Américo e Suas Incríveis Facetas (Editora A União/Cepe Editora), o paraibano foi um verdadeiro "pop star" em pleno século 19.

"De menino humilde do interior de um Brasil distante, descoberto ao acaso por uma expedição científica comandada por um estrangeiro, Pedro Américo escalaria, degrau por degrau, a escada da glória, tornando-se um artista popular, prestigiado tanto pelo povo, que participava aos milhares das exposições de seus quadros, como pela elite intelectual, política e artística brasileira e internacional, além de romancista, filósofo, cientista e político", declarou Thélío, no livro.

Para demonstrar a relevância e repercussão da arte do ilustre areiense, Thélío contou, na obra, que quando Pedro Américo apresentou pela primeira vez o quadro *Independência ou Morte*, em Florença, na Itália, em 1888, não foram apenas artistas e intelectuais de vários países que compareceram à vernissage. O evento também contou com a presença do imperador brasileiro, Dom Pedro II, e também da mulher mais poderosa do mundo na época, a Rainha Victória, da Grã-Bretanha.

O quadro, que ficou exposto por 18 dias na capital da Toscana, foi visi-

tado por 100 mil pessoas. Os recursos obtidos com a exposição tiveram fins sociais, pois Pedro Américo reverteu o montante para ajudar estudantes e artistas carentes da região.

"Considero Pedro Américo de Figueiredo e Melo como o maior paraibano de todos os tempos. Sua fama e seu prestígio não se restringiram ao Brasil. Ele era louvado em toda a Europa e o mundo todo conhecia seu nome. Discursou para o escritor francês Victor Hugo, fez vernissage com a presença da Rainha Victoria, da Inglaterra (que reinava no império onde o sol nunca se punha), foi aplaudido pela crítica, mas também pelo povo, que prestigiava seus lançamentos, que tiveram 60, 80, 100, 270 mil visitantes, número que até hoje impressiona", enfocou Thélío, em entrevista ao **Correio das Artes**.

Segundo ele, o artista areiense "nasceu com diversos talentos e uma criatividade única" e abraçou as oportunidades que teve, fosse no Brasil ou no exterior, para ampliar seus conhecimentos e aperfeiçoar seus dons. "A oportunidade de estudo no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, na Academia Imperial de Belas Artes e, especialmente, no exterior, terminou por despertar os inúmeros talentos do paraibano, não só na pintura, pois ele foi também romancista, poeta, arquiteto, caricaturista, cientista, arqueólogo, professor, deputado federal, sociólogo, músico etc", frisou Farias.

O artista paraibano ainda se inspirava em grandes intelectuais de sua época e uma dessas influências destacada por Thélío foi o então diretor da Academia de Belas Artes, Araújo Porto-Alegre, que além de pintor era romancista, poeta e historiador. "Porto-Alegre viria a ser sogro de Pedro Américo", acrescentou Thélío.

Ao falar sobre a versatilidade artística do areiense, o historiador e escritor Bruno Gaudêncio destacou que ela é indiscutível, porém, naqueles tempos, a arte e a cultura andavam mais próximas do que hoje em dia. "No século 19, até meados do século 20, as pessoas ligadas à cultura e à arte geralmente exerciam muitas funções, e com certa maestria. Tinha, claro, a questão do talento, mas a ciência estava muito próxima da arte, e a arte estava muito próxima da história. Então, esses conhecimentos não eram tão estanques como hoje", comentou Gaudêncio.



Obra mais famosa de Pedro Américo, 'Independência ou Morte' foi apresentada pela primeira vez na Itália, em 1888, para um público formado, entre outros, por Dom Pedro II e a Rainha Victória

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Bruno Gaudêncio avalia os romances deixados por Pedro Américo: "Não são tão inventivos do ponto de vista estético, mas importantes para entendermos o período que o areense estava inserido"

POUCO HOLOFOTE PARA O ESCRITOR

O historiador e escritor Bruno Gaudêncio afirmou que o maior destaque da trajetória de Pedro Américo foi a de pintor, que soube aproveitar bem as oportunidades que lhe chegavam. Ele lembrou, porém, que o artista também "foi um cientista consistente e um excelente professor". Além disso, Gaudêncio ressaltou que Américo teve um projeto importante enquanto escritor, mas seu legado como artista

plástico "foi tão representativo que todo o resto acabou sendo invisibilizado com o tempo".

Como romancista, Pedro Américo escreveu quatro obras: *O Holocausto* (1882), *Amor d'Esposo* (1886), *O Foragido* (1899) - que teve uma segunda edição em 1900 - e *Na Cidade Eterna* (1901). Todo seu acervo, porém, constam quase 20 publicações, muitas de cunho científico e filosófico, a exemplo de *Memória Sobre a Conjugação do Spirogyra Quinina*, que trata de alguns gêneros de algas. A primeira obra do paraibano foi um livreto intitulado *A Reforma da Escola de Belas Artes e a Oposição - Por Um Aluno*, editado pela Academia Francesa de Letras, em 1863.

Ao comentar os romances do areense, Bruno Gaudêncio afirmou que são obras que estão presas ao século 19. "Não são tão inventivos do ponto de vista estético, como tantos outros autores foram, a exemplo de Aluísio Azevedo, Machado de Assis e, antes dele, José de Alencar. Mas, são livros extremamente interessantes para entendermos o período em que Pedro Américo estava inserido."

Segundo ele, a obra escrita do paraibano deveria ter sido mais lembrada, pois não foi republicada como deveria, no decorrer do tempo. "Não fez parte de coleções que foram lançadas ao longo do século 20. Os livros reeditados foram publicados por pequenas editoras ou em projetos especiais, como é o caso da Paraíba", salientou Gaudêncio.

PIONEIRISMO QUE VAI ALÉM DAS TELAS

A notoriedade de Pedro Américo foi além da sua genialidade para com as artes visuais. No rol de iniciativas raras ou inéditas no século 19, o artista paraibano ainda foi dono da primeira galeria de arte do Brasil, a Glace Élégante, no Rio de Janeiro, e, com o quadro *Independência ou Morte*, criou no imaginário coletivo a própria imagem da independência do país, imortalizada até hoje segundo o olhar do areense.

"Na prática, o paraibano criou a imagem da independência, da 'certidão de nascimento' do Brasil independente. Qualquer um de nós, ao pensar na independência brasileira, lembra imediatamente do quadro de Américo. Mas esse não foi seu único legado. Seus quadros fizeram história e fazem parte da história", afirmou Thélío Queiroz Farias, que também é membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG) e de outras instituições.

Segundo ele, o paraibano foi o segundo brasileiro a obter título de doutorado acadêmico numa universidade estrangeira. Também abriu as portas para brasileiros estudarem e ensinarem em universidades estrangeiras, já que Pedro Américo foi professor, mediante concurso, da Universidade de Bruxelas.

“Na Câmara dos Deputados, foi um ferrenho defensor da educação e da ecologia, numa época em que poucos se importavam com o meio ambiente. Como deputado, apresentou o primeiro projeto de direito autoral das Américas, documento que viria a ser aprovado décadas depois. Defendeu a educação como forma de mudar a realidade brasileira, com base em sua própria experiência. Foi o brasileiro que, pela primeira vez, teve repercussão internacional, o primeiro ‘pop-star’ nascido no Brasil. São inúmeros os exemplos de seu legado”, afirmou Thélío.

Outro dado curioso sobre o artista foi a marca deixada no Rio de Janeiro. Muita gente não sabe, mas, segundo Thélío, os brasileiros nascidos no Rio são chamados de “carioca” por causa de um quadro pintado por Pedro Américo, chamado de “A Carioca”.

O INÍCIO E O FIM

Terceiro filho do casal Daniel Eduardo de Figueiredo e Melo (comerciante) e Feliciano Cirne de Figueiredo, Pedro Américo de Figueiredo e Melo nasceu em 29 de abril de 1843 na Vila Real do Brejo de Areia, hoje município da Paraíba. Era um dia de sábado e o parto foi normal, realizado na própria casa da família, na antiga Rua do Sertão, chamada atualmente de rua Pedro Américo.

Foi batizado pelo vigário de Areia, padre Francisco de Holanda Chacon, tendo como padrinhos os tios Zeferino Aureliano de Figueiredo e Melo e Paula Petronila de Figueiredo e Melo. Somente três anos após seu nascimento, a terra natal alcançou a condição de cidade, em 18 de maio de 1846.

Sadio, esperto e ativo, Pedro vivia livre pelas ruas da cidade quebrando a monotonia do dia a dia, brincando com as crianças da região, subindo em galhos de árvores, jogando pião, bolinha de gude e futebol com bola de meia. Além disso, tinha seus passatempos cheios de genialidade e não se demorava em fazer um desenho ali, e uma escultura acolá. Ajudava o pai no balcão do armazém da família e ainda recebeu aulas de música e canto do seu avô paterno, Manoel de Cristo Grangeiro de Melo. Fez parte do coral da igreja da cidade e tinha como instrumento preferido uma flauta de origem francesa chamada flageolet.



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Óleo sobre tela de 1893, 'Tiradentes esquartejado' é um dos trabalhos marcantes de Pedro Américo: críticos consideram a obra do pintor um reflexo do sistema conservador e elitista, fora da realidade nacional

As primeiras letras foram ensinadas pela tia “Bahia” e ainda teve aulas de língua portuguesa, francês, latim, matemática, e outras disciplinas, na escola de Joaquim da Silva.

No livro *Além do Ipiranga: A Extraordinária Vida de Pedro Américo e Suas Incríveis Facetas*, o autor, Thélío Queiroz Farias, diz que Pedro curtia a sua infância, brincava e gozava de sua popularidade de menino-prodígio em Areia e cidades circunvizinhas da região da Serra da Borborema, onde sua fama se propagou”.

Ao sair da terra natal, o paraibano passou um período no Rio de Janeiro, foi para a Europa, transitou entre o Brasil e países europeus, e faleceu em Florença, na Itália, em 7 de outubro de 1905. O corpo foi trazido à Paraíba, pois era desejo do artista ser sepultado na cidade que

lhe serviu de berço. Antes, porém, o corpo ficou exposto na Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Somente no dia 28 de abril de 1906, o artista, morto, chegou à Paraíba, sendo enterrado na capital no dia 29 de abril, contrariando a vontade de Américo, que previamente pedira para ser enterrado em Areia.

ARTISTA É LEVADO À DELEGACIA DE PARIS

Não foram poucos os autores que se debruçaram sobre a trajetória do areense, cuja história de vida e profissional surpreenderia os mais criativos roteiristas da Sétima Arte. Assim como é vista em outras obras, a edição de 2013 do livro *Pedro Américo: Ligeira Notícia Biográfica do Genial Pintor Paraibano*, assinada por Horácio de Almeida e lançada pela Editora A União e a Eduepb, trouxe uma passagem periclitanete vivida pelo paraibano no exterior.

Após uma temporada de estudos na Europa, custeada por Dom Pedro II, Pedro Américo voltou a Areia, revendo lugares de sua infância e, depois de alguns dias, seguiu para o Rio de Janeiro, onde passou por um teste e conquistou a vaga de professor na Academia de Belas Artes.

Mas a vida no Rio já não o encantava. Decidiu, então, retornar à Europa em 1865. Os parcos cem cruzeiros que ganhava mensalmente como professor não eram suficientes para a viagem e sua manutenção longe do país. Pintou alguns qua-

dros, vendeu-os e partiu de navio, como passageiro de terceira classe. Chegando a Paris, manteve-se com a venda de sua arte e após acumular alguns recursos, deu-se a extravagância de viajar para Estrasburgo, Alemanha, Holanda, Dinamarca, até voltar a Paris, achando-se totalmente sem dinheiro.

A dificuldade financeira o obrigou a vender as medalhas de prata e ouro que conquistara como prêmio por seu glorioso trabalho como artista. Bateu à porta de um mercador de joias que, vendo Américo de feições nada nobre, com aquele amontoado de medalhas, desconfiou e chamou a polícia.

Lá se foi, então, o paraibano, insigne professor da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, ter de explicar a origem da coleção. O incidente o fez deixar Paris e ir para a África, como desenhista do Governo francês.

CRÍTICAS À OBRA ACADÊMICA

A excelência do talento de Pedro Américo para a pintura é incontestável para os críticos de arte ou mesmo artista plástico, mas o propósito pelo qual conduziu seus quadros resultou em críticas por parte de uma parcela de seus contemporâneos. A arte do paraibano adaptou-se aos projetos e ideais civilizatórios fomentados por Dom Pedro II, gerando insatisfação e desdém de muitos vanguardistas que o consideraram um reflexo do sistema conservador e elitista, fora da realidade nacional.

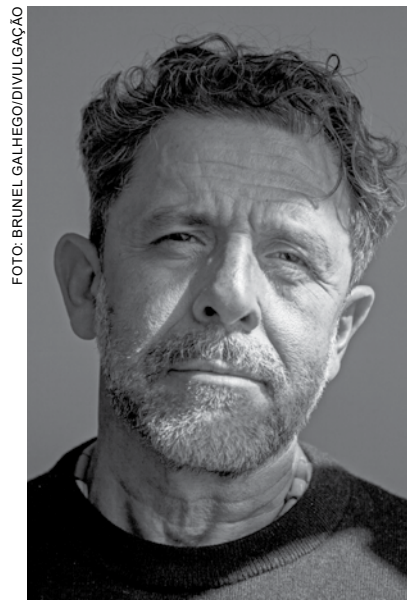


FOTO: BRUNEL GALHEGO/DIVULGAÇÃO

Sérgio Lucena: Pedro Américo formatou, para o país, um ideal épico, quando a formação do Brasil tem muito mais de trágico do que de épico

Em determinado momento do século 19, o imperador promoveu um programa nacionalista de modernização interna e de divulgação do Brasil no exterior, com o intuito de formar uma elite e inserir a nação em uma economia mundial em transformação, que se moldava sobre um modelo capitalista. E o papel da arte era transmitir ou recriar fatos históricos ou significativos dentro de uma retórica visual simbólica que passasse a mensagem didática moralizante. Nesse contexto, Pedro Américo, que transitava entre o Brasil e o exterior,

'A Batalha do Avaí', considerada uma das maiores obras-primas do artista areense, foi criada a partir de um programa nacionalista que visava recriar fatos históricos dentro de uma retórica visual simbólica que passasse uma mensagem didática moralizante

IMAGEM: REPRODUÇÃO



se adaptou a essa visão educadora e a partir desse contexto pintou obras valorosas como *A Batalha do Avaí*, considerada uma obra-prima, e *Tiradentes Esquartejado*.

Para o artista plástico Sérgio Lucena, o artista areiense é a maior expressão do Academismo no país. “É isso que o leva além. Ele formata para o país um ideal épico quando, na verdade, a formação do Brasil tem muito mais de trágico que de épico”, afirmou.

De acordo com ele, Américo “forjou no imaginário coletivo uma imagem de Brasil idealizada; uma imagem heroica”. “Tendo exclusivamente o modelo europeu como referência, negligenciando as demais influências, africana e indígena, constitutivas da nossa identidade. Essa imagem idealizada perpetua-se até os dias de hoje”, enfocou Lucena.

O historiador e escritor Bruno Gaudêncio frisou que Pedro Américo, bem como o artista plástico Victor Meireles, foram os dois pintores brasileiros mais importantes do século 19. Com relação específica a Américo, Bruno salientou que o paraibano foi a figura central no chamado projeto civilizatório do império. “Porque por meio das imagens, das representações que ele construiu, a gente vê algumas batalhas que ocorreram na época - como a Guerra do Paraguai e muitas outras, além da Independência do Brasil -, imortalizadas pelo paraibano dentro daquela imagem tão relevante, presente até hoje nos livros didáticos.”

Bruno destacou que as críticas da época eram válidas, mas ao mesmo tempo é preciso entender o momento histórico, o contexto pelo qual o Brasil passava, que foi assumido pelo Governo Imperial de Dom Pedro II. Para Gaudêncio, “o projeto do imperador foi necessário naquele momento e Pedro Américo deu relevante contribuição”.

RECORDAÇÕES NO ANTIGO LAR

A casa onde Pedro Américo nasceu e viveu até os 11 anos, no município de Areia, foi transformada em um museu que resguarda objetos pessoais e obras do menino que tornou-se um intelectual ilustre. Pincel, desenhos em papel (originais), quadros, textos manuscritos são algumas peças presentes na *Casa*

FOTO: PREFEITURA DE AREIA/DIVULGAÇÃO



Tombada pelo Iphan, na Casa de Pedro Américo, em Areia, é possível ver o quadro original 'Cristo Morto', pintado pelo artista no século 19

Pedro Américo, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A antiga residência foi transformada em museu e biblioteca em 1943, e atualmente está aberta para visitação, pois virou um dos pontos turísticos e culturais da cidade. Entre as obras que registram os traços artísticos de Américo estão o quadro original *Cristo Morto* e também um retrato de Pedro Américo, pintado por seu irmão, Aurélio de Figueiredo.

“Expostos numa vitrine, estão objetos de uso pessoal, alguns pincéis, um velho esquadro. Também um álbum de caricaturas, fotos da família e os livros escritos por ele, *Holocausto*, em 1882, *O Foragido*, em 1899, *Na Cidade Eterna*, em 1901; além de um crucifixo e um vidro contendo uma página de jornal, retirados de seu caixão mortuário”, descreveu o secretário de Cultura de Areia, Rinaldo Bandeira, que responde interinamente pela pasta do Turismo.

Segundo o secretário, o objetivo do museu é manter viva a rica histó-

ria e o legado do artista multifacetado, além de evidenciar a importância dele para o mundo artístico.

Funcionamento

Apesar de a maioria das peças de Pedro Américo estarem espalhadas pelo Brasil e até fora dele, o pequeno acervo de Areia é um testemunho da trajetória do artista e intelectual. O museu *Casa Pedro Américo* funciona todos os dias, das 8h às 17h. Para agendar visitas, os interessados podem enviar mensagem para o e-mail cultura.pmareia@gmail.com.

FESTIVAL NA TERRA NATAL

Para lembrar a história e enaltecer a memória de Pedro Américo, a Prefeitura de Areia realizou, nos dias 26 e 29 de abril, o 1º Festival Pedro Américo. A programação contou com a realização de plenárias com a participação de escritores da atualidade que têm obras publicadas sobre o areiense como Thélío Queiroz Farias, Madalena Zaccara e Bruno Gaudêncio.

O evento também contou com artistas plásticos nacionalmente conhecidos como Guataçara Monteiro e Perron Ramos, que ministraram oficinas para a comunidade escolar do município, além de participarem de um concurso de pintura livre, na Praça Pedro Américo

“O objetivo principal do festival foi festejar os 180 anos de Pedro Américo com arte e cultura, salientando a importância grandiosa do artista para o mundo. Areia se enobrece em festejar Pedro Américo, e seu povo se orgulha de tão grandioso artista”, declarou o secretário de Cultura de Areia, Rinaldo Bandeira.

Segundo ele, o artista e intelectual simboliza um marco da cultura areiense, tendo um legado inestimável. “Representa a riqueza cultural que se manteve firme, importante e intacta por todos esses anos. Areia, terra da cultura, enxerga Pedro Américo como um importante pilar cultural que permanece ativo e vivo em sua história. O município busca preservar o legado dele através da manutenção do Museu Casa Pedro Américo”, disse Rinaldo.

Ele contou que a rede municipal de educação implantou, desde 2022, o componente curricular: fundamentos básicos do turismo, onde busca



FOTO: FABIANA VELOSO/UNIÃO

desenvolver o sentimento de pertença nos estudantes, com metodologia específica, evidenciando o potencial turístico de Areia, alicerçado pelo turismo cultural, grande responsável pelo sucesso do município no segmento.

informações da administração do local, há um processo de tombamento do prédio histórico do museu no do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep).

Localizado em Campina Grande, o MAAC possui seis obras de Pedro Américo disponíveis à visitação pública

MUSEU ASSIS CHATEAUBRIAND

Quem estiver na Paraíba também poderá apreciar seis obras do artista e intelectual Pedro Américo no Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC), em Campina Grande. O acervo, administrado pela Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão (Furne), consta das seguintes peças: *Retrato de Perfil, Estudo do tipo árabe; Oferenda; O cavalo branco; Duas crianças dormindo e Cabeça de Cristo.*

O MAAC tem um público médio mensal de 200 visitantes. Os admiradores das artes visuais podem visitar o local de terça a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 17h. Aos sábados, a entrada ocorre das 9h às 12h.

As visitas, para os diferentes grupos, podem ser agendadas pelo instagram: [maac.cg](https://www.instagram.com/maac.cg) e no próprio Museu no mesmo horário de visitação.

O MAAC foi inaugurado em 20 de outubro de 1967 e, segundo

Destaques

Acervo de Pedro Américo

- Batalha de Campo Grande
- Retrato de Dom Pedro I
- Retrato de Dom Pedro II
- Moisés sobre o Monte Nebo
- Fausto e Margarida
- A Carioca
- A Batalha do Avaí
- Batalha de Campo Grande
- Joana d'Arc
- Tiradentes Esquartejado
- Cristo Menino
- Cristo Morto
- A bela e a fera (o leão com a presa)
- Jovem Tocando Alaúde (Mulher com Instrumento Musical)
- Casamento da Princesa Isabel
- A noite com os gênios do estudo e do amor
- A mulher de Putfar
- Sócrates afastando Alcebiades do vício
- Moisés e Jocabed
- Rabequista Árabe

Alexandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal **A União** e do **Correio das Artes**. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

'Caderno Proibido'

ESCREVER É UMA CULPA A OCULTAR

Ana Adelaide

Especial para o *Correio das Artes*

Um diário, o que significou isso para as mulheres ao longo da vida? O *Dicionário Feminista* diz que um diário pode ser considerado uma crônica privada; um documento de vida, uma forma de auto crescimento, auto exame e proteção de si; muitas vezes inspirado na solidão; considerado sem valor e a maioria deles, jogados fora por serem considerados insignificantes. Em *Um Teto todo Seu*, Virginia Woolf ressaltou que, para que a criação artística aconteça, mais especificamente na literatura, as mulheres precisariam de uma quantia/manutenção (independência), um espaço (físico e subjetivo) e tempo diletante, de prazer.

Antes ou depois, tivemos muitas escritoras que pensaram sobre o ser mulher; a loucura feminina; a opressão; as prisões internas e externas; o fazer artístico; a maternidade; enfim, temas que nos afligem e saltitam nas nossas vidas. E muitas foram as escritoras e os seus títulos que se tornaram igualmente clássicos, sobre esse criar e o ato transgressor de escrever. A exemplo do conto 'The Yellow Wallpaper' (Charlotte Perkins Gilman); 'The Legacy' (Virginia Woolf), 'To Room Nineteen' e 'The summer before the dark' (Doris Lessing); 'Uma meia de seda' (Kate Chopin). Também *As Horas* (à exceção, Michael Cunningham) e tantos escritos da nossa Clarice Lispector, que retratou essa mulher perdida nos pensamentos, ora nos jardins públicos, ora nas armadilhas da loucura. Mulheres que trataram do vazio existencial e do fazer artístico e suas expressões ao longo do tempo.

O romance *Caderno Proibido* (Companha das Letras, 2022), de Alba de Céspedes, uma das principais escritoras italianas do século 20, tinha como pauta o antifascismo e sabia construir personagens femininas bem definidas: "Para Alba, a escrita é o instrumento através do qual se realiza sua independência e se constrói sua identidade de mulher livre". Ela morreu, em Paris, em 1997. A obra foi originalmente publicada em fragmentos na revista *La Settimana Incom Illustrata*, reunidos em livro em 1952.

Caderno Proibido trata de um retrato íntimo de uma mulher comum e das mudanças da sociedade europeia no pós-guerra, e traz novamente o

FOTO: REPRODUÇÃO



Alba de Céspedes sabia construir personagens femininas bem definidas e tinha, como pauta de seu romance, o antifascismo

- ▶ diário, tendo o tema da escrita como refúgio e meio de expressão, assim também como cenário de uma Roma dos anos 1950.

A personagem principal, Valéria, uma mulher casada, mãe de dois filhos, trabalha num escritório e está sempre atenta ao bem estar da casa e da família. Um belo dia resolve comprar um caderno com folhas em branco, o que já era transgressor, uma vez que o único produto permitido à venda, aos domingos, eram os cigarros.

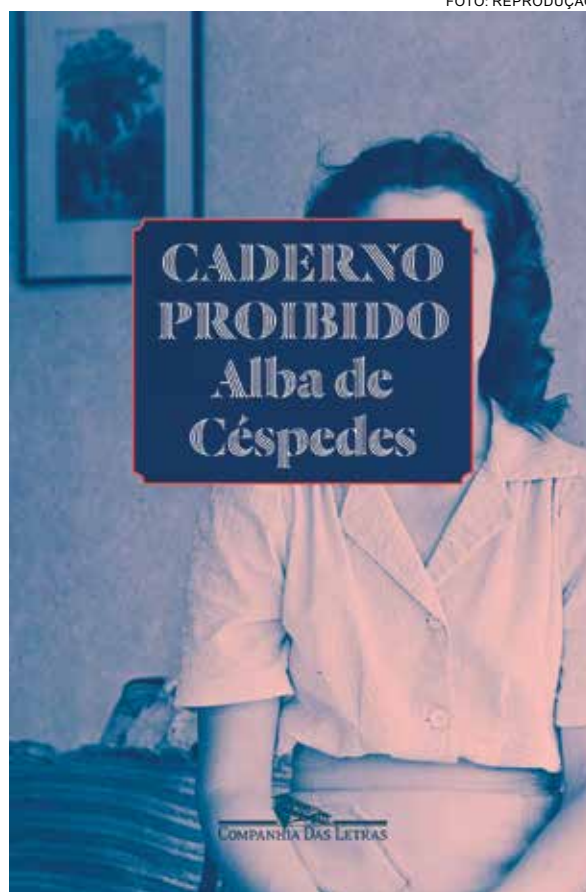
O romance é construído em forma da sua descoberta de, a princípio, escrever um diário, sobre coisas “aparentemente” sem importância do seu cotidiano doméstico, mas que, depois vão tomando outros rumos, ou seja, um mergulho na sua subjetividade e segredos dos mais inconscientes, aos mais à flor da pele, escondidos e não ditos.

A narrativa se constrói dessa forma, a de diário (um tanto fragmentado), com datas e meses por onde observamos os saltos que Valéria vai dando nas páginas e na sua vida, e que, desde o início, foi percebido como “um censurável instrumento de insubordinação” (Posfácio ‘Além das Aparências’, por Mariella Muscariello).

O dever familiar, a invisibilidade e domesticidade feminina; a monotonia do casamento; a competição entre as mulheres – mãe, filha e avó; a culpa, o trabalho – por obrigação e por prazer -; a rua; a primavera; o casamento e suas armadilhas; a escrita como forma de descoberta; a ilusão; as escolhas são algumas das questões que encontramos nas páginas do diário de Valéria e no romance de Céspedes.

Valéria não ouve o próprio nome. O seu marido, Michele, só a chama de “mamãe”, costume que até hoje salta ao nosso redor, aqui pelo Nordeste brasileiro, em pleno século 21. Esse apagamento de identidade já expõe esse casamento de duas décadas e que, já se arrasta pelos caminhos da acomodação, do silêncio marital e do naufrágio da mulher, sexualmente falando.

Os filhos? Mais conflitos. Ricardo, o mais velho, sonha em se mudar para a Argentina, mas não quer muito sair da barra da saia da mãe protetora e da vida protegida dos papéis estabelecidos. Mirella, de 20 anos, tem um caso com um homem



‘Caderno Proibido’: obra em forma de diário é retrato íntimo de uma mulher comum e das mudanças da sociedade europeia no pós-guerra

mais velho e casado, e de nada segue os passos da mãe. A repetição dos padrões femininos são veementemente rejeitados por Mirella, para o desespero de uma Valéria perdida entre a tradição da sua geração e os novos comportamentos, inclusive os sexuais, que Mirella representa.

É angustiante e libertador acompanhar a trajetória de Valéria pela casa e pelas suas páginas em branco, dividida entre os seus deveres e a liberdade de pensamento e escrita, que o seu caderno lhe convida. A imaginação! Aquela “Louca da Casa”, de que nos fala outra escritora, a espanhola Rosa Montero, e que nos dá asas ao onírico lugar de libertação.

Como não lembrar do filósofo dos espaços poéticos, o francês Gaston Bachelard, quando desvenda o lugar dos cantos, dos móveis, gavetas, ninhos e armários. Nas suas páginas escondidas e amarradas em laços de fita, Valéria constata que o seu Caderno é um “divisor de águas entre o antes e o depois, entre uma identidade confiada à máscara social e uma subjetividade gradualmente

reconstruída sobre os escombros do existente”, como assinala o Posfácio, e que leva Valéria a um labirinto de se achar e se perder entre o conformismo e a transgressão.

No enclausuramento da culpa por um adultério nos ossos do ofício, e como outra vez, um espaço de transgressão, e por entre a paralização do passo seguinte (como a personagem de Meryl Streep no icônico *As Pontes de Madison*), só resta a Valéria destruir as marcas da sua ruína existencial: “Não posso me arriscar a me enternecer, sem dizer adeus...e meus dias futuros serão, tal como as páginas que se seguem a esta, brancos, lisos, frios.” ◀

Ana Adelaide Peixoto é professora aposentada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Dlem) da UFPB. É doutora em Teoria da Literatura; colunista do jornal *A União* e tem dois livros publicados, *‘Brincos, Pra Que Te Quero?’* e *‘De Paisagens e de Outras Tardes’*. Mora em João Pessoa (PB).

◆ afinal, o que quer uma mulher?

Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

Dona Helena, a feminista



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Sou a primeira filha dos meus pais. E nunca foi novidade para ninguém o quanto meu pai desejou um menino. Pena que nunca conseguiu o que queria, só soube fazer mulher, diz com um orgulho forjado de satisfação. Certa vez um paciente escreveu sobre a dificuldade de ser homem. E me trouxe o título: “Eu também quero ser homem”.

Quando li o texto, entendi suas dificuldades e a de tantos homens que escuto no consultório. Quase nenhum deles entende o universo feminino. E quem pode julgá-los com a educação duvidosa e com a falta de condição de ir em busca do que nem Freud conseguiu saber, “o que quer uma mulher”? Nem os poetas sabem e, se os poetas não sabem, quem mais deve saber? As mulheres também não sabem. Muitas vivem alienadas de si mesmas, inseridas num sistema de valores que as torna menores. Outras julgam-se sábias e movimentam dinheiro nas redes sociais afirmando o que se deve fazer. Não falo do movimento feminista, porque não tenho muito contato com a teoria e tenho certo desencanto com algumas mulheres que usam dessa causa, de suma importância, para destilar seu egoísmo no mundo.

A sensação é que especificamente algumas “feministas” que conheci têm um ▶

Já senti raiva
dessas pseudo
feministas.
Hoje sinto
algum descaso
e vejo em
certos futuros
muita louça e
banheiro sujo a
ser limpo

▶ belo discurso e não vão além disso. Lembro de uma que até ministra aulas sobre o tema. Só que a bela teoria fica lá nas paredes de uma sala secreta. Ao sair do personagem, a carcaça se desmonta e vira lama. E o verdadeiro desejo é de que as outras mulheres que se virem, “eu quero mesmo é ter meu homem”. Sim, esse tipo de mulher existe e certamente todos nós conhecemos alguma falsa militante que enfraquece a causa. No fundo são criaturas perdidas em seu universo de Barbie. Acho engraçado esse status: ter um homem. Já senti raiva dessas pseudo feministas. Hoje sinto algum descaso e vejo em certos futuros muita louça e banheiro sujo a ser limpo.

No final das contas, viver e militar com a própria história de vida é no que acredito. Nos anos 1960, por exemplo, dona Helena, mãe do meu querido amigo Bebê de Natércio, soube que, para além de ser traída pelo marido, pariu um filho na mesma época que sua amante. E sabe o que ela fez? Dividiu a feira e os remédios com essa outra mulher. E reclamou com o marido irresponsável. Se isso não for sororidade e força feminina não sei mais o que é. Gostaria de uma conversa longa com dona Helena, pena que ela não está mais entre nós.

As mulheres deveriam começar a se unir, sobretudo para rever a maternidade. Criando filhos homens capazes de admirar as fêmeas que os cercam, e que irão cercá-los ao longo de suas vidas.

O problema é que o ser humano tem dois polos pulsionais, um que o guia pela via do desejo e outro pela obscuridade do trágico. Meu pai nunca conseguiu admirar uma mulher, e só teve filhas. Assim como os homens, em sua maioria, nunca absorveu o que é uma filha independente, dona de si. Ao mesmo tempo feminina e afetuosa. Os dois polos existem e conversam entre si. Durante anos acreditei que se eu fosse homem eu seria mais feliz e sobretudo valorizada. Ora que bobagem a minha. Hoje sei. E confesso, adoro ser mulher. Só as mulheres podem se reinventar e ocupar um lugar único.

Ser homem tem lá suas

dificuldades. Como são frágeis e quão penoso é se saber forte apenas pelo elevar da voz e da mão. Não me digam que isso é felicidade. Quando pensava em ser homem, fantasiava com a liberdade. Poderia falar o que quisesse e ser facilmente ovacionada por qualquer ideia cruel. Imaginava a liberdade sexual, o poder andar só em vários lugares sem ser importunado. Gostei da ideia de ser paparicado pela minha família. E de como seria tranquilo escolher um par romântico. Sorri quando imaginei que qualquer coisa tola que fizesse seria culpa da bebida. E como não ter muito o que fazer em casa seria formidável. Mesmo sendo um pai medíocre, estaria sempre sendo o super-herói de alguém. São boas vantagens, é claro. Mas não é tão simples assim como falam. Ser homem no mundo onde as mulheres estão emplacando na frente não é uma missão palatável.

Penso mesmo é que não teria muito talento para encarar tal missão. Contudo, gostaria de ter o respeito igual o deles. Talvez o bom mesmo é ser gente boa. É ser um ser humano, dos bons. Talvez conversar sobre cada um, dar o seu melhor seja, a grande sacada. Bom, sei que tem um pouco de utopia nessa afirmativa. Daí reflito: o mundo racional é tão chato. Devemos sonhar e usar a fantasia a nosso favor.

Quero alucinar com mulheres cheias de tranquilidades e inimigas da comparação, a doçura também ripuna, podemos sim ser doces. Somos mutantes por natureza divina e podemos nos inventar a cada troço e nos regozijar, com cada vitória. Os homens, por sua vez, deveriam largar mais a ideia de fracasso. Tudo os fragiliza. Os cafajestes, esses não têm jeito, estão mergulhados demais em um mundinho egocêntrico chato e cafona. Sempre vejo e convivo com homens admiráveis, e aí falo do mundo real. Certo dia, afirmei que estou para ver homem mais decente, educado, bom pai e amigo ímpar como o professor Sales, a quem tenho a intimidade de chamar de Caboclo Sales.

No meu mundo, onde sou salva pela imaginação, nunca estou só, pois ela está sempre comigo. Almejo uma vida melhor para os que me cercam. Viver é o que temos entre o nascer e o morrer, homens ou mulheres, independente de cor, gênero e etnia. Que possamos nos abrir a uma existência melhor, é muito tolo vir passear por este mundo árido sem um sorriso diário e uma dose de satisfação de ser quem se é. Amor não é fantasia e, para amar, é preciso ser homem, mulher e um ser que almeja sujar a vida. Amemos hoje. ✦

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.

Carlos Alt

O poeta vive

O poeta vive das migalhas
da vida:

o barulho de uma onda
que o mar rejeita,
o silêncio de uma casa
onde jamais entraremos,
a elegia de um espelho que
rejeita todos os rostos,
a sombra de uma criança que
nunca cresce

O poeta vive das migalhas
da vida.

E dessas migalhas
tece a árvore que alimenta pássaros e
cumpr sempre todas as profecias

Que fará o amor quando eu me for?

Que fará o amor quando eu me for?
perguntou o poeta árabe Adonis

Que fará o amor quando eu me for?
Pergunto eu neste poema.

Me dará as mãos para caminharmos
numa densa floresta?

Ouviremos embevecidos o trinado de
pássaros prisioneiros?

Sentiremos sob os pés a lama de um charco
perdido no deserto?

E as meninas que cantavam para eu dormir,
compreenderão o que houve?

E o amor se revelará estranho
neste momento?

Que fará o amor quando eu partir?
Me revelará afinal o que foi a vida com seus enigmas?

À minha porta

À minha porta
passam estrelas

Que sabem elas da
vida aqui dentro?

Que sabem elas dos sonhos
de que nunca acordo?

Que sabem elas dos pequenos animais
que me tiram o sono?

As estrelas que passam à minha porta
nada sabem dos segredos que não revelo

Sabem apenas,
as estrelas que passam à minha porta

De uma aurora que nunca chega e de
um mistério que vive à sombra de minha solidão

À sombra

Gosto de ficar à sombra de
coisas que me libertam:
o carinho da caneta com que
escrevo este poema,
a maciez de uma cadeira
sustentando meu corpo,
o canto de um galo
nas madrugadas,
o sorriso de uma criança
tentando falar.

Gosto de ficar à sombra das
coisas que me libertam:
gosto sobretudo de um poema
que nunca escreverei e mesmo assim
habita nos meus olhos enevoados

berto Jales

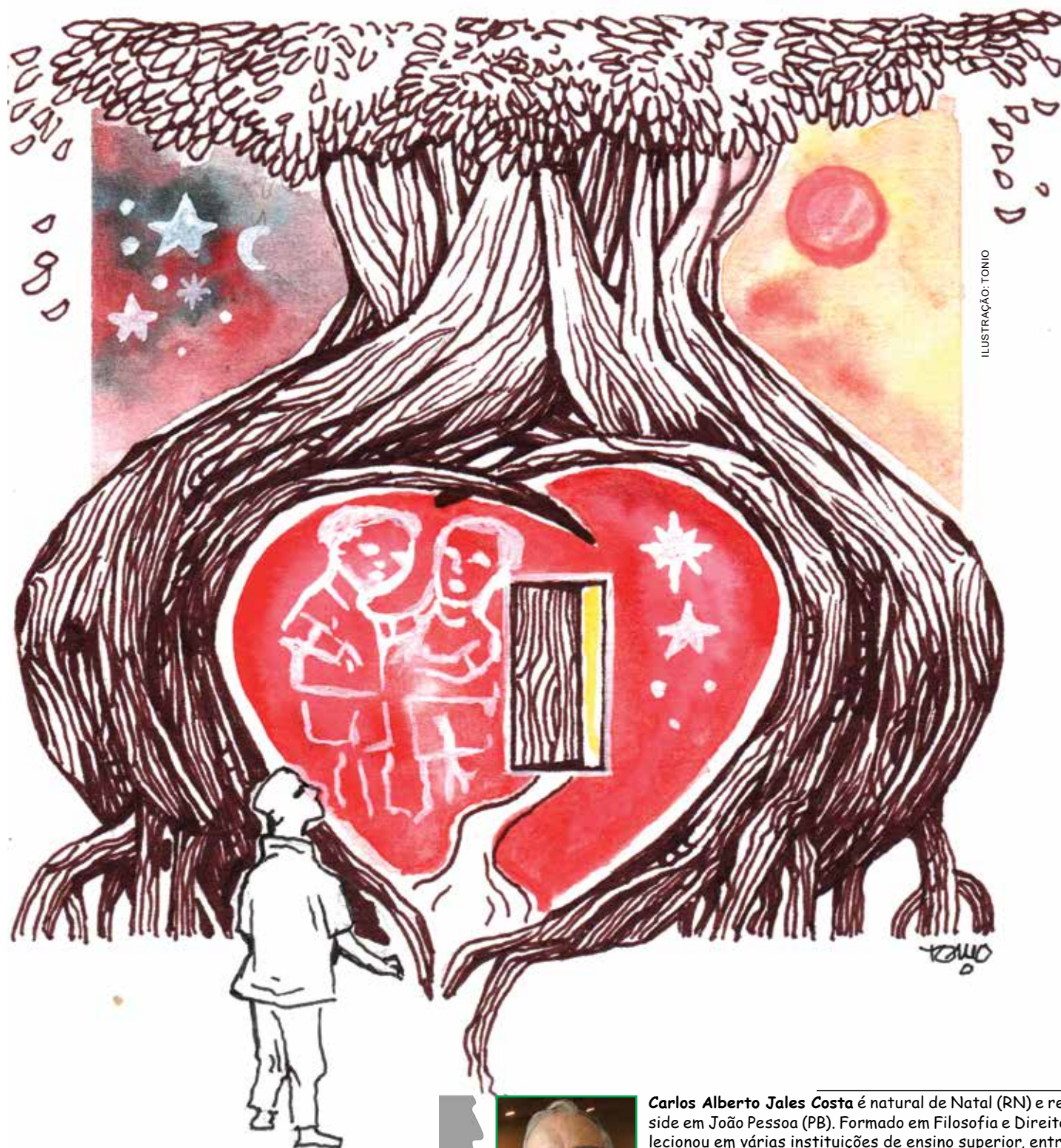


ILUSTRAÇÃO: TONIO



Carlos Alberto Jales Costa é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. 'Vindimas da solidão' (poesia) é o mais recente.

BREVES
CONSIDERAÇÕES
SOBRE

Gilberto Freyre, poeta

Francisco Gil Messias

Especial para o *Correio das Artes*

A produção poética de Gilberto Freyre é no mínimo curiosa. No bom sentido, sim, curiosa. Por algumas razões. Primeiro, o sociólogo não foi um poeta contumaz, como diria Manuel Bandeira, que dividiu os praticantes da poesia em contumazes e bissextos: os primeiros escrevem poemas, bons ou maus, não importa, com constância; os segundos, só eventualmente, sem regularidade, não raro com bastante talento. Não quer isto dizer que não haja poesia espalhada na prosa freyrana, suficiente, em número e em qualidade, para qualificar o antropólogo como poeta – e dos bons. Mas estou me referindo à produção lírica em versos ou, para usar uma expressão do próprio pernambucano, em “forma poemática”. Neste aspecto, sim, Gilberto Freyre foi um poeta bissexto – o que não diminui de jeito nenhum o mérito de sua poesia.

▶ A segunda curiosidade diz respeito ao título dado por Freyre ao volume que reuniu – ou pretendeu reunir – sua produção nessa área: *Talvez Poesia* (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1962). O curioso é esse inseguro advérbio “talvez”, que pode sugerir uma certa modéstia do autor, famoso por sua vaidade exacerbada e por sua autoproclamada genialidade. Mas, no seu prefácio, o poeta logo trata de esclarecer ao leitor: “Eu próprio adotei, mais por prudência que por modéstia, o título *Talvez Poesia*”. Temos, portanto, sem subterfúgios, a prudência no lugar da modéstia e um título genuinamente freyriano. Gilberto Freyre pode ser prudente, mas nunca modesto.

Escrevo isto, explico, sem nenhuma conotação crítica, no sentido negativo da palavra, pois sou daqueles que reconhecem abertamente a genialidade do senhor de Apipucos e o seu conquistado direito à vaidade, a qual, no seu personalíssimo caso, tomo mais à conta de exotismo do que de defeito pessoal. A vaidade de Gilberto Freyre antes me diverte que incomoda, o que não acontece com a daqueles que, por serem apenas mediocres presunçosos, não têm jamais a prerrogativa de exercê-la.

Terceiro, boa parte dos poemas constantes do livro *Talvez Poesia* foi extraída da prosa freyriana não pelo autor de *Casa Grande & Senzala*, mas principalmente por três poetas profissionais, Thiago de Mello, Mauro Mota e Ledo Ivo. Ou seja, são poemas “construídos”, a partir da matéria-prima fornecida em prosa por Gilberto Freyre em livros diversos, pelos três poetas referidos, os quais colocaram na “forma poemática” trechos da obra do sociólogo em que identificaram a presença indistigável da poesia.

Trata-se, portanto, de um livro produzido a oito mãos: as de Freyre, as de Thiago, as de Mota e as de Ivo, aspecto que, sem nenhuma dúvida, confere à obra uma particularidade bem ao gosto freyriano, sempre em busca de originalidades criativas. Outras mãos são citadas por Gilberto Freyre em seu prefácio: as dos também poetas Manuel Bandeira, Carlos Moreira e César Leal. Incluindo-as, portanto, temos um total de 14 mãos, habilidosas todas elas, sem dúvida.

Segundo Manuel Bandeira, amigo íntimo de Freyre, dois poemas

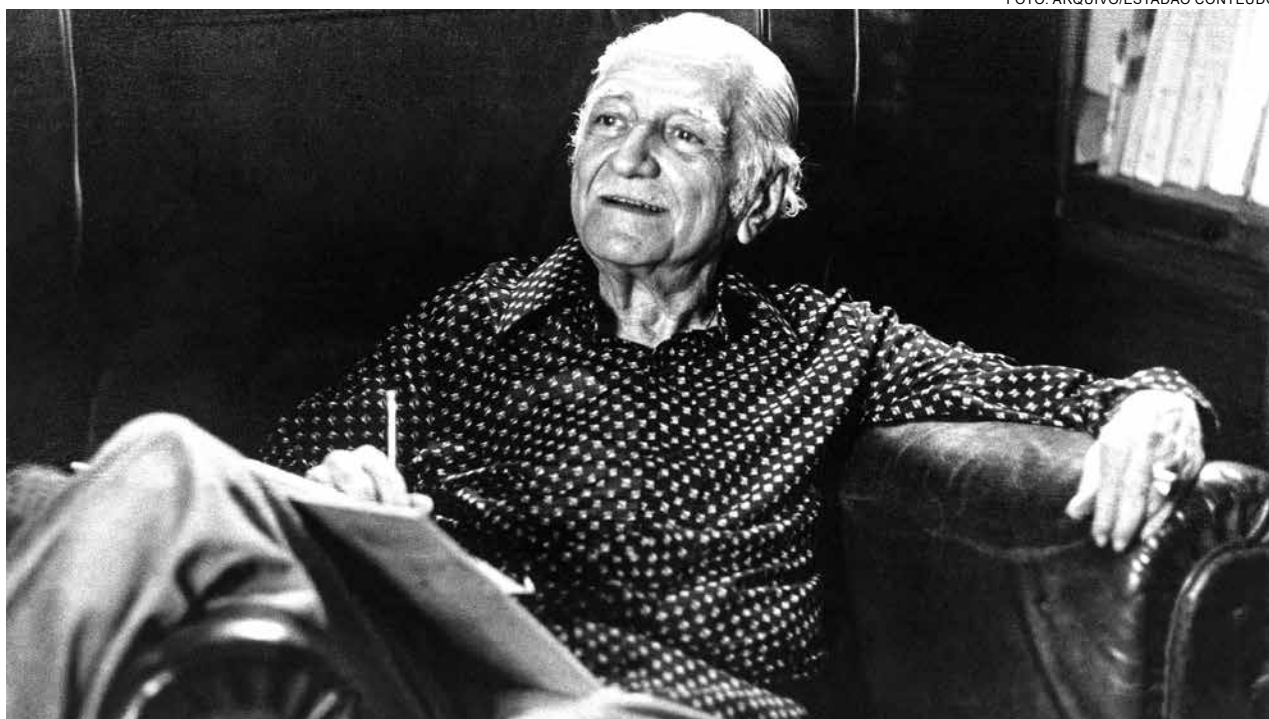
formais são de autoria do sociólogo e já escritos na “forma poemática”: um soneto feito aos 11 anos de idade (‘Jangada triste’) e o célebre ‘Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados’, este escrito originalmente em 1926 e republicado, com alterações, em 1942, na revista *O Cruzeiro*. Bandeira o incluiu em sua *Antologia dos Poetas Bissexto*, o que, por si só, dá ideia de sua relevância literária.

Este poema, como disse Bandeira em texto constante do livro *Gilberto Freyre: Sua Ciência, Sua Filosofia, Sua Arte* (Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1962), lançado em comemoração aos 25 anos de publicação de *Casa Grande & Senzala*, é um poema “gordo”, ou seja, extenso, razão pela qual não será transcrito aqui em sua integralidade. Mas dele darei, para quem não o conhece, uma pequena ideia com os versos a seguir:

*“Bahia de Todos os Santos (e de quase todos os pecados)
casas trepadas umas por cima das outras
casas, sobrados, igrejas, como gente espremida pra
sair num retrato de revista ou jornal
(vaidade das vaidades! diz o Eclesiastes)
Igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem pra sair”*

Repetindo Manuel Bandeira: Gilbereto Freyre está todo, ou quase todo, neste poema, que só ele, com seu arguto olhar sócio-antropológico de autor de *Casa Grande & Senzala*, poderia ter escrito – e mais ninguém. Pois neste “gordo” poema vamos encontrar, focados sobre a Bahia, os ingredientes de que foi composta a trilogia *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso*, presentes todos eles naquele recanto fundador do Brasil: as comidas, os cheiros, os negros, as sinhas de corpos “cor de peru frio”, as mulatas, os índios, o sexo, a miscigenação que criou o brasileiro e tudo o mais que é a nossa cara de nação lusotropical. Vejamos outro trecho do grande poema, para mais sobermos da especialíssima poética freyriana:

*“O padre reprimido que há em mim
se exalta diante de ti Bahia
e perdoa tuas superstições
teu comércio de medidas de Nossa Senhora e de Nossosenhores do Bonfim
e vê no ventre dos teus montes e das tuas mulheres
conservadores da fé uma vez entregue aos santos
multiplicadores de cidades cristãs e de criaturas de Deus
Bahia de Todos os Santos
Salvador
São Salvador
Bahia
Negras velhas da Bahia
vendendo mingau angu acarajé
Negras velhas de xale encarnado
peitos caídos
mães das mulatas mais belas do Brasis
mulatas de gordo peito em bico como pra dar de mamar a
todos os meninos do Brasil”.*



Gilberto Freyre, em foto de 1980: poemas “construídos” a partir da matéria-prima fornecida em prosa pelo autor de ‘Casa-Grande & Senzala’

► Puro Gilberto Freyre, como se vê. Poderíamos chamar, não sem razão, sua poética de sócio-anropológica, já que é toda – ou quase toda – feita de motivos e temas históricos, sociológicos e antropológicos, a matéria sobre a qual se ergueu a obra monumental do pernambucano, mestre de mestres, a despeito de se considerar um eterno aprendiz e de nunca ser conclusivo em seus escritos, como se deliberadamente deixasse sempre a possibilidade de outros continuarem a partir dali, das suas sugestões e dos seus frequentes *insights* geniais.

Os demais poemas de *Talvez Poesia* vão nessa linha de ‘Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados’. Neles o leitor encontrará principalmente o Pernambuco (e o Nordeste) antigo da predileção do autor, paisagens e personagens que provavelmente já foram extintos pela modernidade burra, não preservacionista, que, eternos colonos, abraçamos, uma pretensa modernidade incapaz de fazer conviverem juntos, como na civilizada Europa, a casa colonial luso-brasileira e o arranha-céu tipo americano. Vejamos o poema *Menino de Luto*, como ele é freyriano em tudo por tudo:

*“Foi quase um Brasil sem menino
o dos nossos avós e bisavós.
Aos oito anos o menino
dizia de cor os nomes
das capitais da Europa,
dos três inimigos da alma
somava, multiplicava,
diminuía, dividia.
Estudava Gramática
Latina, Retórica
e Francês. Só saía
de colarinho alto,
sobrecasaca escura,
chapéu duro, gravata
preta e em passo de enterro.
Só saía de luto
da própria meninice.*

Ouso afirmar que os poemas de Gilberto Freyre lembram muito os de Carlos Drummond de Andrade em seu livro *Boitempo*, em que o mineiro reconstituiu em versos a Itabira do Mato Dentro (e também as Minas Gerais) de sua infância. Ali também se reuniram magnificamente – e belamente – sociologia e antropologia, sob o filtro do olhar poético incomparável.

Manuel Bandeira discorda do título do livro de poemas de Gilberto Freyre. Discorda do advérbio “talvez”. Para ele, não é *Talvez Poesia*, mas “certamente poesia”. Do meu canto obscuro, concordo plenamente. ❖

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor dos livros ‘Olhares: Poemas Bissextos’, ‘Na Medida do Possível: Poemas da Aldeia’ e ‘Um Dedo de Prosa: Escritos da Aldeia’. Seu mais recente livro é ‘O Redator de Obituários: Crônicas Artigos e Talvez Ensaios’ (todos pela Ideia Editora). Mora em João Pessoa (PB).

Andrey Pereira de Oliveira

fadiga

estendo no encosto da cadeira
a camisa e o cansaço. desprendo
os pés dos sapatos. olhos cerrados,
então a cantiga já toda moldada
à rotina do dia. o tempo pesa
em meu pulso. meu pulso pesa
em meu braço. busco alcançar
no passado feitos, fotos, fatos,
que vêm e escorrem nublados.
projeto sem força o dia futuro,
rabisco somente um traço opaco.
sorvo do pulso o passo do sono,
ato meu corpo no laço do enfado.

frotas fantasmas

há tempos, fabrica frotas fantasmas
na mesa escura e vazia da sala. navios
imensos de velas rasgadas por anos
rugosos e dedos vermelhos. o vento
se esquece parado. o sol a bombordo
perdido. mar liso, céu calmo, olhar rijo.
tudo, então, em mínimas ilhas reparte
e, aos poucos, com as mãos mareadas,
aporta o nada na estante aérea da sala.

máquina partida

posso dizer *hoje*, se o sol não chegou
e o galo engoliu o canto claro do dia?

se a corda de luz do gnômon rompeu
e parou no passado a máquina partida?

se no dentro e no fora da escotilha fria
de meus olhos turvos o escuro domina?

se o peso da sombra semeia e aduba
a dúvida, o medo pânico e a culpa?

búzio

ardiloso monjolo marinho, o oceano
regurgita, apresado em corrente metálica
de água longínqua, um búzio perdido:

rosa de vento, roseta de runa antiga
em tabuleiro de fina areia lançada,
cifrada em calcária língua esquecida.



ILUSTRAÇÃO: TONIO



Andrey Pereira de Oliveira, nascido na Cidade da Parahyba, reside em Natal (RN) desde 2009. Professor de Literatura Brasileira da UFRN. Autor, entre outras obras, de *Utopia e agonia: o indianismo de Gonçalves Dias* e *A razão embotada: ensaios de crítica literária*. Os poemas aqui publicados fazem parte do livro "coruja de trapo", ainda inédito.

Um Retrato

Cláudio Feldman

Especial para o *Correio das Artes*



ILUSTRAÇÃO: TONIO

1

Era no tempo trágico de Paris, quando a guilhotina cheirava a sangue quente, devido às suspeições e rancores.

O Terror jacobino de Robespierre empalidecia os rostos.

Certa manhã, entrou no ateliê do pintor Alain Deville uma jovem de vinte e pouco anos.

Pela elegância de suas linhas, por seu vestido de seda “gris perle”, por suas maneiras delicadas, o artista notou que era uma moça de alta classe.

Em seu rosto navegavam lindos olhos tristes e receosos.

- Monsieur, desejo retratar-me. Quero deixar uma lembrança a meu filho.

- Em que gênero, mme.?

- No que for mais rápido.

- Neste caso, o pastel.

- Sim.

Em seguida, a jovem senhora

sentou-se na cadeira indicada pelo pintor, de acordo com a necessária posição da luz.

Então Alain começou a reproduzir as feições da expressiva criatura.

À proporção que elaborava os traços, crescia-lhe na alma um sentimento terno pela moça, imobilizada como uma estátua, porém com vivos olhos irradiantes de melancolia.

O crepúsculo chegou, sem que o retrato estivesse pronto, o que trouxe grande pesar para a jovem.

No entanto, teve que se conformar com as razões de Alain e prometeu voltar no dia seguinte.

Quando foi se despedir do artista, este notou que lágrimas não conseguiram um esconderijo no belo rosto.

2

No dia seguinte, a cliente não apareceu; a esta falta, sucederam-se outras.

O pintor, porém, estivera tão impressionado pelo semblante da moça, que, bom fisionomista, conseguiu acabar o quadro, mesmo sem

a modelo.

E a obra ficou encostada a um canto do ateliê, onde Alain a namorava em seus momentos de pausa das atividades diárias.

3

A ausência da retratada fazia um mês quando, uma tarde, Alain saiu para seu pequeno passeio.

Um tumulto o reteve, numa praça.

Era uma carreta que passava conduzindo vinte aristocratas rumo à guilhotina.

No meio das futuras vítimas, a pálida jovem que fora procurá-lo.

Desta vez, o pintor é que não pôde reprimir as lágrimas.

3

No leilão da Sotheby's, de Londres, o quadro com a Baronesa de Champfleury, por Alain Deville, alcançou altos lances, em 2017. ♣

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua e Literatura, autor de 58 livros e membro da Academia de Letras do Brasil, em Brasília (DF).



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Esperando Cecília

Neide Medeiros

Especial para o *Correio das Artes*

Estação de trem de Leipzig. Uma senhora vestida com um casaco cinza está em pé diante de uma das portas da estação, ela olha insistentemente o relógio, tudo indica que espera alguém.

Quem será?

Depois de alguns minutos começa a andar de um lado para outro da calçada, vai e vem... vai e vem... e ninguém aparece. Dirige-se a alguns passageiros: "Do you speak english?" E obtém sempre a mesma resposta: "No, no, no...".

Surge uma moça conduzindo uma bicicleta, esta parece que fala inglês, conversam alguma coisa e as duas saem juntas, mas voltam logo, a moça está apressada, entra no trem e embarca. A senhora de casaco cinza fica no mesmo lugar e continua esperando.

Os minutos se passam, continua no seu vai e vem pela calçada. Já são 16 horas e quarenta e cinco minutos, resolve falar com os taxistas que estão estacionados na rua à espera de passageiros: "Do you speak english?" E ouve a mesma resposta: "No, no, no..." Um deles diz: "I speak little". Abre-se uma luz. Ela volta à porta da estação, ainda espera que apareça alguém.

O relógio marca 17 horas, existe uma ameaça de chuva no ar, o céu se torna nublado e o dia escurece. Bate o desespero, as pernas tremem. Será frio ou medo de ter sido abandonada?

Volta a falar com o motorista que disse saber um pouco de inglês, acerta o preço da viagem para Berlim – 250 euros, pede-lhe que a deixe no Hotel Íbis, no centro da cidade, e embarca no táxi.

Parte com a esperança de que irá encontrar Cecília. ❖

Neide Medeiros é professora aposentada da UFPB, doutora em Estudos Literários. Colunista/Colaboradora do jornal *A União*. Mora em João Pessoa (PB).



Um Léxico Crítico para Augusto dos Anjos

(PARTE II)

Dando continuidade aos estudos do léxico da poesia de Augusto dos Anjos, abordaremos dois vocábulos pertencentes à embriologia, *cítula* e *epigênese*, entre os quais existe um vínculo indissociável. O termo *cítula* aparece apenas uma vez no *Eu*, no poema que fecha o livro, “Mistérios de um Fósforo”, na mesma estrofe, em que também aparece, pela terceira e última vez, *epigênese*. Registre-se que, na primeira edição do *Eu*, Augusto é fiel à forma erudita do termo, *Cytula*, assim como fez Haeckel (estrofe 7, versos 25-8):

E a fogo mentalmente os olhos fundos
Na amorfia da *cítula* inicial,
De onde, por *epigênese* geral,
Todos os organismos são oriundos.

No seu livro *Os enigmas do universo* (*Les énigmes de l'univers*, Paris, Hachette/BNF, 1902), Ernst Haeckel inicia suas alusões à *cítula*, já no segundo capítulo, COMO É CONSTRUÍDO O NOSSO CORPO (p. 31). Haeckel cita os avanços científicos operados por Mathias Schleiden (1804-1881), Theodor Schwann (1810-1882) e Johannes Müller (1801-1858), cujas descobertas iniciais, a partir de 1838, sobre as células nas plantas e nos animais, foram continuadas, entre 1860 e 1870, por Rudolf Albert von Koelliker (1817-1905) e Rudolph Virchow (1821-1902), fundadores, a partir da teoria celular, da “histologia do organismo humano no estado normal e nos estados patológicos” (p. 31, tradução nossa). Sendo o corpo dos seres vivos composto de milhões e

milhões de células, organismos elementares a formar uma “república celular”, elas “provêm da divisão repetida de uma célula simples, única, a *célula-tronco*, ou ‘óvulo fecundado’ (*Cytula*)” (p. 31). Daí, ganhar notoriedade e precisão científica o princípio do médico britânico William Harvey (1578-1657), um dos pioneiros da pesquisa embriológica: *omne vivum ex ovo* – todo ser vivo vem de um ovo (Capítulo III, A NOSSA VIDA, p. 50).

Assim, o embrião humano, como o de todos os outros animais, forma-se a partir da *cítula*, a célula-mãe ou célula-tronco, início da criação de um ser vivo (Capítulo Quinto, A NOSSA GENEALOGIA, p. 96), cujo processo é o que Augusto dos Anjos chama de “amorfia da *cítula* inicial”, dada a impossibilidade de se distinguir, nesse estágio primitivo de fecundação, a que espécie animal pertence o embrião.

Vejamos mais uma passagem de Haeckel, em que se observa uma definição mais precisa de *cítula*:

“As duas espécies de núcleos celulares, efetivamente, o do óvulo fêmea e o do espermatozoide macho, atraem-se reciprocamente, aproximam-se e fusionam-se completamente, quando chegam ao contato um do outro. Assim é que provêm, do óvulo fecundado, essa importante célula nova, que nós chamamos *célula-mãe* (*Cytula*), a qual engendra, por divisões repetidas, o organismo pluricelular por completo” (Capítulo VIII, EMBRIOLOGIA DA ALMA, p. 160). ▶

► É nesse momento que entra o vocábulo *epigênese*, demonstrando um vínculo indissociável com *citula*. O vocábulo *epigênese* aparece três vezes no *Eu*, em “Psicologia de um Vencido” (estrofe 1, verso 3), em “Os Doentes” (estrofe 60, verso 237) e no já citado “Mistérios de um Fósforo” (estrofe 7, verso 27). Em duas das vezes, em “Psicologia de um vencido” e em “Os Doentes”, o poeta prefere a forma erudita *epigênese*.

A teoria da *epigênese* é formulada, em 1758, na tese de doutorado de Caspar Friedrich Wolff (1734-1793), e aparece para se opor à teoria da pré-formação do feto. O trabalho de Wolff se baseia nas muitas e cuidadosas experiências de observação e estudo do ovo da galinha. Após a incubação, não há, no início, diz Haeckel, como saber o que virá a ser o corpo da ave e das suas diferentes partes:

“em lugar disso, no entanto, nós encontramos no alto, sobre a esfera amarela do vitellus, um pequeno disco circular, branco. Esse *disco germinativo* torna-se oval e se subdivide então em quatro camadas situadas uma acima da outra e que são os esboços dos quatro sistemas mais importantes de órgãos; inicialmente, o mais superficial, o sistema nervoso; abaixo, a massa carnuda (sistema muscular); em seguida o sistema vascular (com o coração) e enfim o canal intestinal. Assim, dizia Wolff com razão, a formação do foetus consiste, não pelo desenvolvimento de órgãos pré-formados, mas dentro de uma cadeia de *neoformações*, em uma verdadeira ‘epigênese’; as partes aparecem uma após a outra e todas sob uma forma simples, absolutamente diferente daquela que se desenvolverá mais tarde: aquela se produz por uma série de transformações maravilhosas” (Capítulo IV, *NOSSA EMBRIOLOGIA*, p. 65-6).

Antes de Wolff, a teoria da pré-formação do feto preconizava que tanto no ovo humano, quanto no dos animais, já preexistia um organismo diminuto, microscópico, com todas as suas partes pré-formadas, e cujo desenvolvimento consistia apenas numa expansão desse organismo e de suas partes. Ou seja, em se tratando de um ser humano, por exemplo, haveria já formado no ovo fecundado um microscópico homem ou uma microscópica mulher, já dotado de seus membros e órgãos, que só iriam crescer.

Os estudos embriológicos vão demonstrar que o desenvolvimento do que está em

gérmen se dá a partir de uma célula-mãe fecundada, de que resulta “uma verdadeira *epigênese*, isto é, uma série de processos de neoformações das mais notáveis” (Capítulo VIII, *EMBRIOLOGIA DA ALMA*, p. 156).

Estes dois termos, *citula* e *epigênese*, como já vimos, estão cirurgicamente associados no poema “Mistérios de um Fósforo”, exprimindo de modo consciente uma significação em mão dupla. Uma mais abrangente, referindo-se à evolução da espécie, outra mais particular, na direção da fecundação animal e, de modo mais específico, da fecundação humana. Deixando “Mistérios de um Fósforo” para o final, qual a concepção de *epigênese* em “Psicologia de um Vencido” e em “Os Doentes”? Começaremos por “Psicologia de um Vencido”, pela sua concisão, e depois faremos apenas uma relação com “Os Doentes”, tendo em vista que este poema, por ser muito grande, merece um estudo à parte, que trate de sua complexidade. Para uma melhor compreensão, reproduziremos o quarteto inicial do soneto:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Aparentemente, vemos aí um poema sobre o ser humano fadado, por sua natureza material, ao sofrimento, cujo destino é a decomposição na terra inorgânica. Nada mais enganoso, pois não se pode ver a poesia de Augusto dos Anjos apenas pelo léxico científico que ela apresenta. A ciência e a espiritualidade na sua poesia são complementares, uma não vive sem a outra. Não são excludentes. A análise restrita do científico é malhar em ferro frio. Por outro lado, é impossível ler sua poesia se detendo isoladamente nos poemas. Há que se fazer uma rede de relações, tendo em vista que o *Eu* é um corpo uniforme simbolizando a universalidade do ser humano.

Assim, se o poema nos mostra a vida que há de ser consumida pelos vermes e de cuja materialidade apenas deverão restar os cabelos na “*frialdade inorgânica da terra*”, não podemos esquecer que foi na terra inorgânica que, a vida se desenvolveu. As matérias da atmosfera primordial – *carbono, nitrogênio, oxigênio, amônia* – encontram-se nessa sopa primeva, em que os oceanos primitivos se transformaram e propiciaram o surgimento da vida, como diz Richard Dawkins, em *O maior espetáculo da terra* (Companhia das Letras, 2009), ou citando outro biólogo, Haldane, ao mostrar como a vida se processou em uma atmosfera ►



- redutora (*A grande história da evolução*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 650):

“Pois bem, quando a luz ultravioleta age sobre uma mistura de água, dióxido de carbono e amônia, produz-se uma imensa variedade de substâncias orgânicas, entre elas açúcares e aparentemente alguns dos elementos de que são feitas as proteínas. Esse fato foi demonstrado em laboratório por Baly de Liverpool e seus colegas. No mundo presente, tais substâncias, se deixadas à solta, entram em decomposição – ou seja, são destruídas por micro-organismos. Mas antes de originar-se a vida elas devem ter-se acumulado até que os oceanos primitivos atingissem a consistência de uma rala sopa quente”

Vimos do carbono e ao carbono voltaremos. É aí que podemos ver a ligação da poesia de Augusto dos Anjos como uma grande rede tecendo a universalidade do ser humano, cuja parte material voltará à matéria, de modo a compor nova matéria que irá alimentar a sucessão infinita de novos seres humanos, talvez ele próprio ao retornar e evoluir nessa matéria em que se transforma. Veja-se o que diz a penúltima estrofe da parte V de “Os Doentes”, não por acaso, aquela em que o vocábulo *epigênese* reaparece:

Eu voltarei, cansado da árdua liça,
À substância inorgânica primeva,
De onde, por epigênese, veio Eva
E a stirpe radiolar chamada *Actissa!*

O eu-poético, após a decomposição, voltará à reintegração inorgânica, de onde resultou Eva, como metonímia da primeira mulher, primeiro ser humano, e de onde proveio esse corpo marinho unicelular, chamado *actissa*. É uma aula de evolucionismo, mas ao mesmo tempo vemos como, pelo entrelaçamento da poesia, a matéria se serve de matéria para criar vida. Se a matéria se decompõe, ela não acaba, transforma-se e gera, nessa transformação, nova vida. Embora não possamos falar de espiritualidade *tout court* em “Psicologia de um Vencido”, vemos como a rede em que se fiam os poemas do *Eu* abre-nos uma possibilidade de

investigação desse aspecto já nesse poema, o que fica mais claro em “Os Doentes”.

A nossa real intenção, contudo, é verificar a utilização do vocábulo *epigênese*. Em “Psicologia de um Vencido”, o vocábulo aparece logo no início causando impacto no leitor, que, atônito, não se dá conta de seu significado. Os dicionários, por sua vez, não nos dizem muita coisa, vez que é necessário ir em busca de uma concepção especializada por tratar-se de assunto que diz respeito à embriologia. Já nos valemos de Ernst Haeckel, em *Os enigmas do universo*, agora vamos lançar mão de Richard Dawkins, o mais famoso biólogo darwinista vivo e em atuação, além de um dos maiores estudiosos do assunto.

Dawkins nos fala de *epigênese* como teoria que se opõe à da pré-formação, igualmente ao que fez Haeckel. A novidade está no avanço dos estudos genéticos. Os seres humanos possuem DNA, a partir do qual todos os seres humanos “desenvolvem-se e crescem de uma única célula através de estágios intermediários: embrião, feto, bebê, criança, adolescente” (*O maior espetáculo da terra*, Companhia das Letras, 2009, p. 203). A *epigênese* é, portanto, um “projeto de baixo para cima”, baseado no fato de que “uma única célula origina um corpo humano em toda a sua complexidade. E o mistério é apenas um pouco mitigado pelo fato de a proeza realizar-se com a ajuda de instruções do DNA” (p. 204). Dawkins aproxima esta evolução a um processo de automontagem que segue os passos de uma receita irreversível.

Em *O capelão do diabo* (Companhia das Letras, 2005), Dawkins volta a falar da *epigênese* como uma receita contida na célula e não uma planta arquitetônica, como pensavam os pré-formacionistas, pois “todas as coisas vivas neste planeta se desenvolvem pela embriologia da receita e não pela da planta arquitetônica” (p. 162), arrematando que na terra, “as formas de vida se desenvolvem pela *epigênese* e não pelo pré-formacionismo” (p. 162). É desse processo que decorre toda a seleção natural.

Em *O relojoeiro cego* (Companhia das Letras, 2001), Dawkins é ainda mais explícito ao falar de *epigênese*, dizendo que a receita “é um conjunto de instruções que, se seguidas na ordem correta, resultará em um bolo” (p. 428). Atente-se ►



▶ para o fato de que esse processo é uma receita “inerentemente irreversível”, diz ele (p. 432), diferente da planta que é reversível. Ao se desenhar uma planta, podemos até fazer uma maquete do que será a casa. Ao se construir a casa, podemos depois decompô-la em suas partes e reconstruí-la no mesmo lugar ou em outro lugar, seguindo a planta. Assim como o homúnculo resultaria para os pré-formacionistas no homem, no homem já estaria o homúnculo. O processo é, portanto, reversível.

No que diz respeito à receita essa reversibilidade é impossível, visto que “ninguém, ao ler a sequência de letras no DNA de um óvulo fecundado, poderia predizer a forma que o animal terá ao crescer” (*O maior espetáculo da Terra*, p. 234-235). Fechando o seu argumento, diz Dawkins:

“O desenvolvimento embrionário é um processo. É uma sequência ordenada de eventos, como os procedimentos de um bolo, só que há milhões de passos a mais no processo, e passos diferentes são dados simultaneamente em muitas partes diferentes da ‘iguaria’. A maioria dos passos envolve a multiplicação celular, gerando números prodigiosos de células, algumas das quais morrem, enquanto outras se juntam para formar órgãos, tecidos e outras estruturas multicelulares” (*O relojoeiro cego*, p. 429).

O que nos impressiona, na capacidade poética de Augusto dos Anjos, é o fato de que, na época em que ele se encontrava, era muito cedo para que um estranho à área da embriologia, no Brasil e, mais especificamente, na Paraíba, pudesse abarcar o sentido do vocábulo *epigênese* e passasse a empregá-lo de modo adequado e, fazendo mais, transfigurá-lo poeticamente. O próprio Dawkins afirma que a embriologia é um tema difícil de entender e que ele ainda se

encontra o processo de compreendê-la (*O maior espetáculo da terra*, p. 202). Mais impressionante ainda é quando Augusto dos Anjos utiliza o vocábulo na já transcrita estrofe de “Os Doentes”. Tomando Eva como metonímia da mulher, talvez sem o perceber, o poeta enterra, já no início do século XX a teoria da pré-formação, ao afirmar que o ser humano provém da *epigênese* e não do “homúnculo” que se encontraria no óvulo ou no espermatozoide.

Uma pergunta se impõe: se a *epigênese* é o processo inicial da transformação unicelular em um complexo ser vivo, no caso um ser humano, seguindo as instruções contidas no DNA, por que o poeta se refere à “epigênese da infância”? A nosso ver, mais do que uma tautologia, a infância referida diz respeito aos tempos primevos, revelando a consciência do eu-poético com relação ao ser humano preso a um ambiente repugnante, desde tempos imemoriais, destinado mais uma vez a reviver a materialidade, enquanto não avança em direção à libertação. Como o aprendizado espiritual é um processo lento, assim como a evolução darwiniana, não é de estranhar que o ser humano se entregue a uma relação doentia, de profunda hipocondria com a existência, em que a matéria corpórea vive um ciclo de prisão angustiante, do mesmo modo que o estreitamento das artérias causam a ânsia a um cardíaco. Eis uma explicação possível para “as influências más dos signos do Zodíaco”, que não podem ser compreendidas como se fossem as “previsões” da astrologia, mas como o percurso do sol, na chamada eclíptica solar, durante um ano, passando por treze constelações, incluída aí a constelação de Ofiúcos que a

astrologia despreza: nascemos para aprender, o aprendizado se dá pelo sofrimento, num ciclo que se repetirá *ad aeternum*, se não nos forçarmos a uma mudança. Para que possa haver uma transcendência do sofrimento é preciso legar à terra o que é da terra, à matéria o que é da matéria, e buscar subir ainda mais, como o eu-poético diz em “Solilóquio de um Visionário.”

Em “Mistérios de um Fósforo” (estrofe 7, versos 25-8), vemos o momento do encontro da *cítula* com a *epigênese*, numa perfeita compreensão não apenas da embriologia humana, mas da evolução dos seres vivos. É dessa simbiose que “todos os organismos são oriundos”. Evidente que a visão do eu-poético se arraiga à do ser humano que, na sua impossibilidade de evolução espiritual, está preso ao fatalismo da matéria, ao “futuro de cinza” que o “aguarda”, por ter a “alma vencida/Na abjeção embriológica da vida”:

E afogo mentalmente os olhos fundos
Na amorfia da cítula inicial,
De onde, por epigênese geral,
Todos os organismos são oriundos.

Esclarecemos ainda que o importante não é saber se a terminologia de Haeckel está atualizada com os estudos biológicos do momento presente ou não, conforme vimos nas explicações de Dawkins. Importa mais perceber que, por exemplo, os avanços científicos operados pelos já citados Schleiden, Schwann, Müller, Koelliker e Virchow, encampadas por Haeckel, foram assimilados por Augusto dos Anjos e transformados poeticamente, de forma que não deixa de ser um conceito científico e, ao mesmo tempo, transcendendo estes limites, ganha novas significações na sua poesia, revelando um poeta sintonizado com os estudos evolucionistas mais atuais de sua época, mas que vai além do conhecimento objetivo que a ciência proporciona. ✦

Memórias nômades no livro

'CABO BRANCO
E OUTROS LUGARES
QUE NÃO ESTÃO NO MAPA'

Johniere Alves Ribeiro
Especial para o *Correio das Artes*



Em seu livro *A Memória, a História, o Esquecimento*, Paul Ricoeur nos conduz a ideias de detidamente sobre as questões que envolvem a memória. Nele Ricoeur, apresenta seu pensamento em cinco partes importantes: o espaço habitado; o tempo histórico; o testemunho; o arquivo e a prova documental. Nesse campo se inclui, também, as lembranças de lugares nos quais moramos, visitamos e, segundo esse filósofo, não podem ser desprezados, visto que acionam nossas memórias íntimas e/ou compartilhadas. São elas que tecem concomitantemente lembranças de uma espacialidade imediata, bem como as espacialidades de lugaridades distantes,

mas que consegue apresentar trilhas habitáveis.

As lembranças do eu lírico em cada verso do livro *Cabo Branco e Outros Lugares que Não Estão no Mapa*, de Linaldo Guedes, são tessituras que agem como uma espécie de taxonomia da memória e vai linkando, para alguns, um mosaico. Perpassando um alargamento das multi/pluri/espacialidades da nossa existência concreta e simbólica. Mais do que um “mapa”, vocábulo presente no subtítulo, estamos lendo uma cartografia, não em um sentido de plantas ou croquis. Todavia, estamos diante de uma cartografia de afetos de desejos, de afecções que invadem a carne corporal dos poemas e de quem os ler:

*“sanhauá
sangra de paixão na paraíba
e a paraíba faz círculo em torno no sanhauá
-onde ecoa o assovio do tempo que se arrasta.” (sanhauá, p. 19)*

Ou como em:

*“meus amigos guiaram ruas em itinerários
das acácias
alguns estão longe na retina
no sabor de jambo em paralelepípedos vermelhos
do jaguaribe”*

A partir desses fragmentos, lembro versos do poeta Hildeberto Barbosa Filho: “Quem habita o poema / perde-se na geografia. / Não existem fronteiras / no reino das palavras. / No reino das

palavras / são múltiplos os acidentes. / Lugares não têm ponto fixo, / o tempo se dilata / e todo princípio é incerteza”.

Tais aspectos são preponderantes em *Cabo* ▶

► *Branco e Outros lugares...*: 1) perde-se na geografia; 2) a falta de fronteiras, 3) os acidentes no caminhar da memória; 3) a falta de fixidez; 4) a dilatação do tempo e do espaço; e 5) a incerteza, todos relacionadas a não só a existência do eu lírico, mas da própria existência humana.

São demarcações de uma lavoura hodierna, elaborada por lembranças de uma infância que passou, de momentos cotidianos que já foram e não são mais. Olhar de um aqui, que em segundos - seja na leitura ou na vida - já se torna passado. Daí o impasse entre “a história, a memória e o esquecimento”, do qual nos fala Paul Ricoeur.

Nesse sentido, faz jus destacar que a memória opera com um bisturi que corta, que promove seleções que ao mesmo tempo protege e nos expõe. Além disso, vale reforçar, que toda lembrança, de uma forma ou de outra, é também um ato “narrativoficcional” e, porque não, também poético: “subo degraus no hotel globo / para decorar a cidade baixa / (ai, ai, ai ...) / lá em baixo, o porto do capim/ acena e chora por mim” (Arte déco, p.22).

A memória, a história, a lembrança e estrutura um modelo nomadismo: *) tal qual um balduíno e suas tendas; *) tal qual a diáspora nordestina - enfocada em alguns poemas; promovem movimentações, encadeamentos de passos que correm na fundamentação de trajetórias, de entradas e saídas. Enxergamos um nomadismo que não pertence apenas às vozes evocadas nos poemas, mas também são nossas vozes que se misturam numa “playlist cartográfica”.

Trânsito. Tráfego. Emulam nos poemas de Linaldo Guedes. Boa parte deles são constituídos de movências. Instituídos de passos que seguem, ora reticentes, ora lentos-leves-livres-presos-encharcados-secos-lisos, em outros momentos um ponto de interrogação. E nesse conjunto, além das imagens remetidas a Cabo Branco, suas areias brancas e águas quentes o livro nos apresenta um sincretismo, não só religioso, como aponta o termo, mas também marcado pelo hibridismo entre: a) infância; b) adolescência; c) adultescência; f) ingenuidade/obscuridade/erotismo/amor. Todos esses elementos agem em forma de fricção, de porosidade. E no “entre” é a poesia que teima, que resiste, que recinte. “Trazem outros mares que jogam suas ondas em sua lida, como um pai beliscando uma agulha”, parafraseando o

próprio Linaldo Guedes. Pois: de um lado, o rumo do litoral paisagens, areias, biquinis, belezas e a certeza de que tudo é um mar (de brisa)

de outro, rumo ao centro buzinas, pedintes, assaltos, acinte e certeza de que tudo é um mar (de caos) (Avenida Epitácio Pessoa, p. 23)

Ou como se pode compreender também no poema “ Cabo Branco e outros mares”, do qual indico os seguintes fragmentos:

trago medos da barreira de cabo branco saudades de barracas e agueiros meu pai beliscando uma agulha o menino que corria nas areias do sol

trago a memória do sal de tambaú e do impotente hotel, cartão postal da maresia lembranças do mercado, dos bares, da lua o menino lambendo os dedos afrodisíacos

trago a solidão escura de manaíra e do descampado vazio de seu calçadão cantigas do nada para pescadores da vida cantigas de espumas nos pescados dos pratos [...] (p.26)

É de teimosia a poética contida neste novo livro de Linaldo Guedes. É a poesia que teima, que lima/lixa/ranha/estica as imagens cruas, fortes e que impactam o leitor, como em: “ Girassóis do Mangue”, “Ludicidade”, “Monólogo de um gentio”. O insólito também ergue-se, de uma profundidade que viceja no livro. “ Foi quando passei da ponte do sanhaú / que vi restos da orelha de van gogh / (sangue no rio) / mangues de diálogos com zola / girassóis de caranguejos / meninos e as mãos. E a lama!”. Os versos lançam mão da intertextualidade como uma forma de irromper a denúncia ante ao descaso e de como a arte pode ser uma arma para tanto, sem ser panfletária.

A intertextualidade também é uma modalidade da memória individual, visto que ela se constitui como uma maneira de promover interações. Mesmo que se pense que essa memória é algo reservadamente pessoal, isso não é verdade. O livro “ Cabo Branco...” demonstra que é uma confluência memorial de todos que tomem contato com a obra, mesmo que esses todos

nunca tenham visitado e estado nos mesmos lugares descritos pelo o eu lírico. Contudo, sem dúvida alguma, o que vemos só enxergamos as construções figuradas pelas elaborações coletivas, culturais, sociais e históricas.

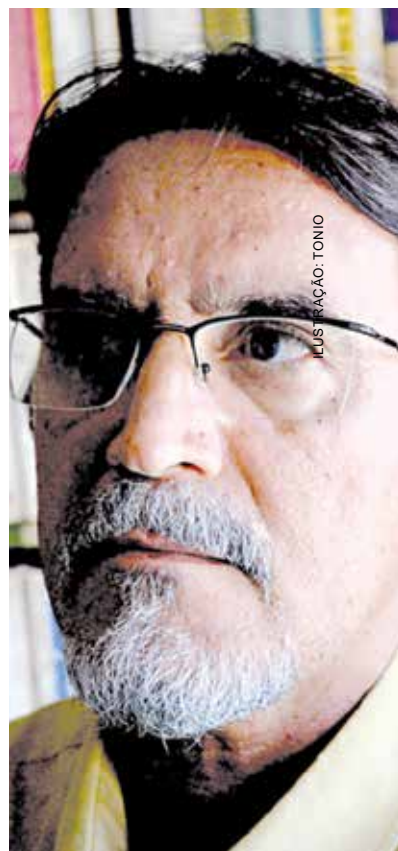
Outras interfaces confluem no interior do livro para um campo de analogias, de metonímias que remetem não só aos elementos artísticos dos poemas, faz referência ao FORA do poema. Uma marca preponderante na escrita de Linaldo, desde “Os zumbis também escutam blues e outros poemas”.

Além de todas essas características apontadas, chamo a atenção para os poemas das páginas pretas. Essas páginas pretas promovem uma outra dicção ao fluxo do livro. Coincidência ou não, os mesmos estão quase sempre figurados em números de páginas ímpares. São nove páginas que

acoplam tais poemas, que ofertam ao leitor um tom mais ácido, mais críticos. Neles a ironia se eleva com mais potencialidade: “quando o brasil nasceu já havia outras tintas por essas árvores”; “quando o brasil aprendeu os versos já existiam”; “quando o brasil se libertou já havia outras cores escravizadas”; “quando brasil rezou o milagre já tinha morrido”; “Pindorama”. Como se observa, todos os títulos têm uma relação direta com a realidade histórica, social e cultural do Brasil, o que desenha para nós leitores uma parte do perfil formador da nossa sociedade.

Portanto, *Cabo Branco e Outros Lugares que Não Estão no Mapa* é um livro de poema que se destaca com um “lugar” do aconchego da memória, que nos faz andar não só em um mapa da Paraíba, mas circular em uma cartografia que habita todos/as/es que toma contato com os versos de Linaldo Guedes. ❖

Johniere Alves Ribeiro é poeta, escritor e crítico literário. Mora em Campina Grande (PB).



Francisco Gil Messias

(Entre o irônico e o elegíaco)

Francisco Gil Messias, homem de formação jurídica, porém, de refinada cultura e apurado gosto literário. Coexistem, na sua personalidade, a figura do leitor especial, daqueles que amam os livros, com o cronista, o articulista e o ensaísta das coisas literárias em meio ao universo mais vasto das coisas do mundo. *Um Dedo de Prosa: Escritos da Aldeia*, publicado em 2014 pela Editora Ideia, exhibe a configuração dessa verdade.

Mas quero falar de um Francisco Gil Messias mais orgânico, mais medular, mais visceral, representado pela *persona* do poeta, a partir de sua dicção lírica materializada nos seus dois títulos: *Olhares (Poemas Bissexto)* e *A Medida do Possível e Outros Poemas da Aldeia*, ambos publicados pela Ideia, respectivamente em 2008 e 2011.

A poesia dos poemas aqui reunidos preserva o peso das coisas permanentes e, em tudo, procura se afastar do preciosismo formal em que se compraz boa parte da lírica brasileira contemporânea, assim como da índole, às vezes vulgar e atrevida, de certa herança modernista, já cristalizada em algumas direções da vocação marginal dos anos 1970. Nesse sentido, diria que *Olhares*, na sua pertinente e rigorosa edição em seis partes temáticas, como que preannuncia o destino poético de *A Medida do Possível*, na sua polivalência de motivos e na unidade expressiva de sua visão de mundo.

Em linhas gerais, o tom de sua poética oscila entre o lírico, o irônico e o elegíaco, sempre demarcado por uma perspectiva filosófica, cuja enunciação pressupõe um olhar agudo, ao mesmo tempo perplexo e sábio, diante das ofertas que a realidade, em sua distribuição multifária, lega-nos no movimento de nossa existência. Cleanto Gomes Pereira, talvez seu leitor mais achegado e íntimo, em prefácio à primeira coletânea, assinala que dessa obra “emerge uma poesia profunda, filosófica, sentenciante”, no que

tem inteira razão.

De minha parte, direi: seu verso, na mais das vezes, se organiza sintaticamente como perfeitos aforismos, donde sobressaem pequenos pedaços de sabedoria, meio à maneira dos moralistas franceses, tão da intimidade do autor. De *Olhares*, na seção ‘Um olhar para dentro’, colho logo este primeiro exemplo, extraído do poema ‘Sina’ (P. 22):

*Eis o destino trágico do homem:
escolher, entre mil vidas possíveis,
uma vida pela vida afora
e ter sempre a sensação incômoda
de ter escolhido errado.*

Já da seção ‘Um olhar para Eros’, transcrevo o poema da página 119:

*Na delicada arte do prazer,
o segredo está
em mais dar
do que receber.*

Ou, então, como se sintetiza no poema ‘Silêncio’ (P. 121): “[...] O amor não cabe na palavra amor”.

Se me atenho, no entanto, aos textos da última parte, ‘Um olhar para tãatos’, devo citar, também na íntegra, o poema ‘A fera de binóculo’:

*Estranha fera é a morte.
Quanto mais longínqua mais assusta,
quanto mais próxima menos custa
sentir no rosto o seu cheiro forte.*

*Por isto, os velhos são mestres que sabem de cor
díficeis lições de morrer melhor.*

O título deste denso poema, na sua pujança ▶

- ▶ catafórica, na sua semântica enviesada, já traduz muito dessa insólita fusão da ironia com o timbre elegíaco, uma das recorrências estilísticas mais acentuadas na poesia de Francisco Gil Messias.

Participa também do conteúdo desse primeiro livro, em seção como as outras, um conjunto de poemas da vertente metalinguística, na qual o eu poético intenta esmiuçar os sortilégios, enigmas e mutações da palavra poética, naquilo que ela possui de verdade e beleza. Aprecio, por exemplo, o monoestrófico ‘Conclamação’ (P. 106), que assim se constrói:

*Cuidem bem do poeta,
velem amorosamente pelo poeta,
vigiem com zelo o poeta.
Porque a poesia não está no mundo,
nem nas coisas,
nem nas palavras.
A poesia, na verdade, está mesmo é no peito do poeta.*

No mesmo diapasão, que reúne singeleza vocabular, espontaneidade expressiva e cadência quase coloquial, lembraria, também, os poemas ‘Palavra’ (P. 85), ‘Palimpsesto’ (P. 89), ‘Teoria literária’ (P. 94), ‘Dorimundo’ (P. 97), ‘Entendimento’ (P. 99), ‘Condenação’ (P.107), ‘Mandamentos do artista’ (P. 109) e o lacônico, porém perfeito enquanto dístico, ‘Comunicação (ou A língua paralítica)’ (P. 114) que, aqui, transcrevo: “O que eu queria dizer não é exatamente isso”.

Em prefácio a *A Medida do Possível*, o professor Felix de Carvalho, cotejando os dois livros de Francisco Gil Messias, ressalta a introspecção do primeiro, marcada pelo “olhar sobre si mesmo, seus conflitos, suas lembranças de infância, seus sonhos não realizados”, considerando esse universo poético “quase um autorretrato”. Já no segundo, por sua vez, segundo a linha de raciocínio do prefaciador, o olhar do eu lírico se distende, assumindo uma posição mais prospectiva e mais crítica.

É verdade. Aqui o poeta Francisco Gil Messias, mesmo sem abdicar do tom “sentencioso”, mesmo sem se afastar da mirada subjetiva, mesmo sem perder a tonalidade irônica e elegíaca, amplia a esfera de seu olhar na captura do mundo e das coisas, provavelmente para mensurá-los com os instrumentos específicos de sua sensibilidade poética e de sua fantasia criadora.

As motivações variadas e os temas de natureza objetiva, frutos sobretudo da observação empática e do diálogo diuturno das leituras, projetam-se na pavimentação dos versos, na condução do pensamento lírico, na elaboração dos poemas, tudo sob a regência da unidade de concepção e de qualidade estilística. A maneira de Fernando Pessoa, uma das suas referências, como Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana e Manuel Bandeira, só para ficar com os de casa, a poesia de Francisco Gil Messias não abdica da emoção, mas a sua emoção é uma emoção que pensa ou um pensamento que não teme o dado afetivo.

Nele não há excesso, extravasamento, desperdício. Nele há qual-

quer coisa de T. S. Eliot, se me pego com a ideia de que a poesia nem é a simples expressão da personalidade nem o puro calor da emoção, mas uma fuga, um contorno, um limite a tais categorias da subjetividade, uma vez que, na planilha do poético, a liberdade e a imaginação criativa é que dão as cartas.

Esse aspecto do conteúdo não se dissocia dos ditames retóricos nem das alusões intertextuais, aqui nessa coletânea, bem mais rica que na primeira, sinalizando, sem dúvida, para a figura do leitor voraz e apaixonado que se explicita em diversos poemas, dentre os quais, assinalo: ‘A Zé Lins’ (P. 44), ‘A Josué de Castro’ (P. 70), ‘Conselho ao modo de Rilke’ (P. 77), ‘Evocação de Toulouse’ (P. 94), ‘Dom Ariano de Taperoá’ (P. 117), ‘Os sapatos de Van Goh’ (P. 177) e ‘Cora Coralina’ (P. 183).

Eis um traço que também distingue o caráter de sua expressão poética. Francisco Gil Messias, sendo um poeta dos sentimentos íntimos, um poeta do olhar, um poeta preocupado com a “medida do possível”, com as coisas ordinárias, com o cotidiano, com a vida e com a morte, nunca foge ao território simbólico da vivência artística e do recolhimento ao mundo mágico, silencioso e solitário da leitura. Ao prosaico, que não teme na arquitetura do verso, o prosaico em forma e fundo, se contrapõe, em insuspeito equilíbrio, a visão refinada de um poeta culto, de um homem sábio, que sabe que “No fim, as questões que importam restarão mesmo sem resposta”, conforme afirma no poema ‘Ponto final’ (P. 204), ou, no texto que dá o título ao livro, que o abre e que pode ser lido como a sua profissão de fé, senão vejamos:

*Não tardei a achar minha medida,
a saber que não sou pequeno nem grande
e que minhas passadas pela vida
são como as de quase todo homem.
Aprecio saber o meu tamanho,
sem ilusão nem utopia.
É bom saber o que esperar de mim,
ao nascer do sol de cada dia,
e não sofrer a cada noite
por querer além
Do que eu podia.*

A Paraíba tem seus poetas. Francisco Gil Messias é um deles, todavia, não é apenas mais um. É um poeta singular, um poeta forte, para me socorrer da expressão de Harold Bloom. Um poeta que vem, ao longo do tempo, desde os idos da juventude, na solidão e quase no anonimato, lutando com a palavra, embora sabendo, como todo grande poeta, da vanidade dessa luta. É um drummondiano misturado com Bandeira, um pessoano de braços dados com Quintana, um Rilke ajustado aos ritmos de Paul Eluard. ✦

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida; Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba; Literatura: as fontes de prazer; Os livros: a única viagem, e Valeu a pena.*

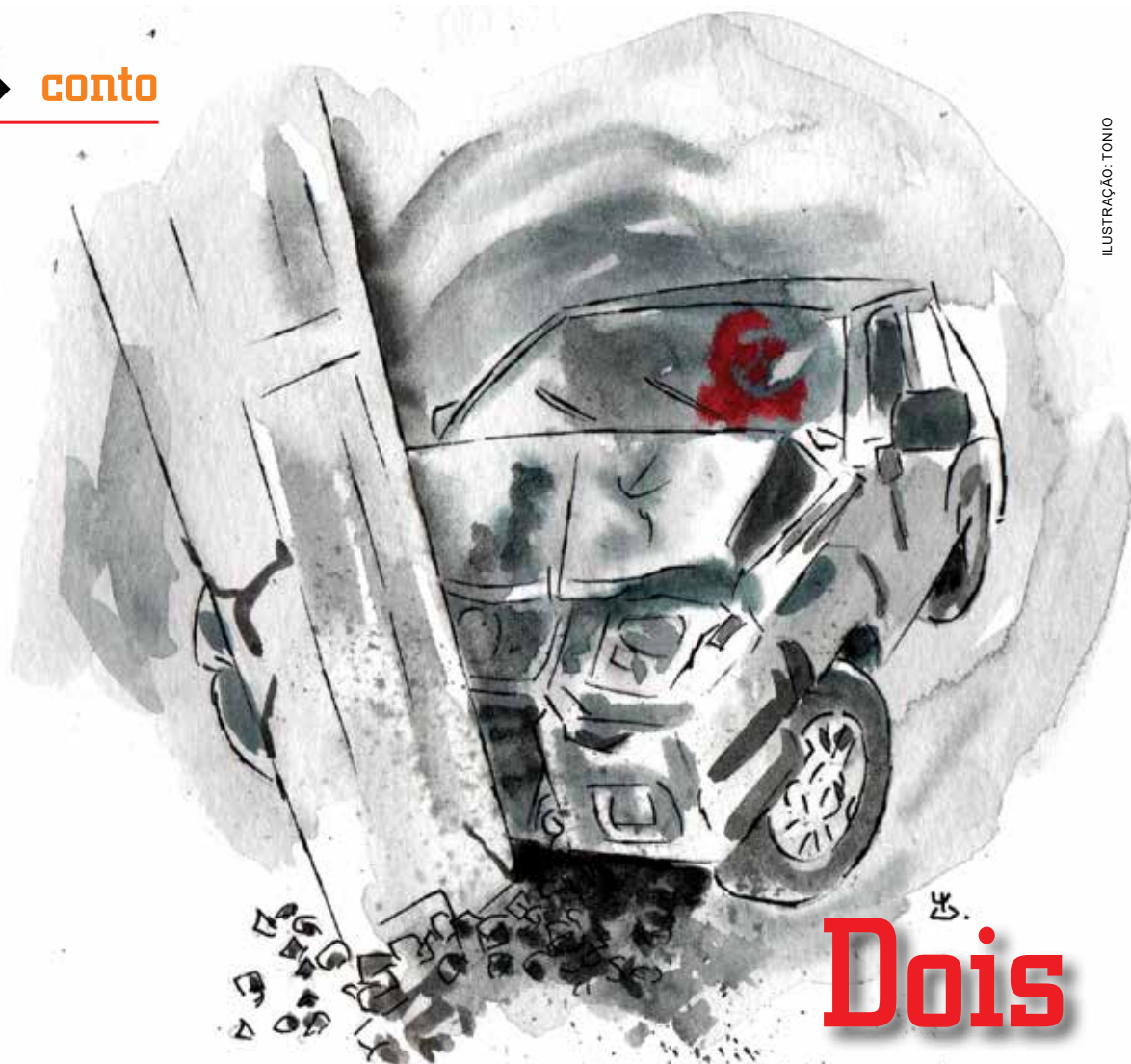


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Dois motoqueiros e um sequestro

Cesar Augusto de Carvalho

Especial para o *Correio das Artes*

Com a chegada do carro, Sérgio e Márcia despediram-se do casal de amigos e saíram. Sérgio abriu a porta para a mulher e deu a volta. Márcia sentou-se no banco. Acenou para a amiga, antes que ela fechasse o portão, e ajustou o cinto de segurança. À frente, na esquina, surgiram dois motoqueiros que o motorista do aplicativo viu e se amedrontou. Quando um deles empinou a moto, ele vociferou:

— Esses dois são assaltantes. Ou sequestradores. Temos que sair daqui — e pisou no acelerador, mas parou diante da zanga da mulher:

— Ei, meu marido! Você é louco?! Vai abandonar meu marido?

Estava prestes a alcançar a maçaneta da porta quando o carro andou e parou. Sérgio, sarapantado, jogou cabeça e peito para trás. Caramba! O que está acontecendo? Mais alguns passos e entraria no carro, pensou, e esticou o braço em direção à porta. Não con-

seguiu. Suas mãos pararam no ar e o veículo saiu em disparada. Na esperança de que ele parasse, correu, mas aconteceu o contrário, o automóvel desapareceu no cruzamento da esquina. Ergueu os braços, gritou pelo motorista, balançou a cabeça e nada. Cofiou o queixo, pensativo, preocupado com a mulher. Seria um sequestro? O cara um serial killer? Como saber?

Os motoqueiros que divertiam-se comentando a brincadeira de empinar moto, pararam na frente de Sérgio.

No interior do carro, sem deixar de gritar com o motorista, Márcia olhou pela janela e tomou um susto ao ver, antes do veículo virar a esquina, os dois motoqueiros pararem junto ao marido. Seus gritos angustiados revelavam-se inócuos. Eram encobertos pelo som do carro, a ganhar velocidade, e pela indiferença do motorista, a medrar em moto contínuo seu próprio medo:

► — Não paro mesmo. Esses caras são bandidos. Assaltantes. Sequestram pessoas, sabe?

— Pare esse carro já! Você abandonou meu marido, seu putto. Cretino. Pare esse carro.

— Cê tá maluca?! Não vou correr riscos por causa de seu marido.

Foi o bastante para Márcia bater-lhe a cabeça com a bolsa enquanto repetia “pare esse carro”. Para defender-se da mulher, o motorista reduziu a velocidade e voltou o rosto para trás. Antes de pronunciar a primeira palavra, recebeu novo golpe, dessa vez no rosto. Aprumou-se ao volante, soltou o cinto de segurança, olhou pelos retrovisores e, em alta velocidade, ultrapassou o carro à frente.

Lágrimas raivosas acompanhavam os gritos de Márcia cuja fúria se revelava na força das bolsadas. Ela soltou-se do cinto de segurança, aproximou-se do banco do motorista e deu-lhe um soco na cabeça.

Prestes a fazer a curva para entrar na próxima rua, o motorista estonteou e soltou as mãos da direção. O carro bateu num poste. Márcia, sem o cinto de segurança, projetou-se sobre o banco de passageiros, mas salvou-se pelo airbag. Mesma sorte não teve o motorista. O dele não funcionou e ele foi expelido para fora do carro.

Ainda que sem ferimentos, Márcia desmaiou e só acordou na ambulância. Ergueu a cabeça, olhou em volta e viu uma jovem enfermeira ao seu lado na maca. Murmurou-lhe:

— Onde estou?

— Numa ambulância, a caminho do hospital. Você está bem? Alguma dor? Sensação esquisita?

— Estou bem, só com uma certa tontura. O que aconteceu?

— Você não lembra? Qual a última coisa que lembra?

— De estar num carro, ouvir uma batida. Só.

— Você teve sorte, a sorte de seu airbag funcionar.

— E o motorista?

— Não teve a mesma sorte. Mas está vivo, fique tranquila.

— Meu marido. Meu marido, preciso telefonar. Onde está minha bolsa?

— Calma! Você telefona no hospital.

— Hospital? Terei que ficar no hospital?

— Não. Fará alguns exames, para

checar se tem alguma sequela. Aí você está liberada, não sem antes dar o depoimento aos investigadores. É praxe, só é chato. Mas, se tiver pouca gente, atendem rápido.

Assim que chegou ao hospital, Márcia abriu a bolsa para pegar o telefone e sarapantou-se. Como Sérgio entraria em contato? O celular dele e também sua carteira, com cartões de crédito e dinheiro, estavam com ela! Como iria para casa? E se aqueles motoqueiros fossem sequestradores e o motorista tivesse razão?

Desassossegados, os dedos de Márcia digitaram o telefone de Genésio, o único capaz de dar alguma informação útil. Sérgio estaria lá? Márcia, nessas situações, onde a angústia e as expectativas apareciam fortes, sempre se lembrava do conselho do pai: não criar ilusões, fantasias a partir de coisas que ainda não aconteceram. Mas, lembrar do pai nada resolvia sua angústia por problemas inexistentes.

~

Depois que os amigos se despediram, Genésio convidou a mulher para a última taça de vinho antes de ir para a cama. Apesar de sonolenta, Catarina concordou e foram para a sala. Genésio, enquanto servia o vinho, comentou:

— Como as pessoas mudam, Catarina?! O Sérgio de hoje não é o que conheci da época do ginásio. Quem te viu e quem te vê!

Aguçada a curiosidade, a sonolência de Catarina desapareceu. Aprumou-se na cadeira e incitou o marido:

— Sérgio, Genésio?! Como ele era? Muito rebelde?

— Nem te conto. Ele aprontou e muito. Apesar das loucuras, um grande amigo.

— Vivemos muitas histórias juntos.

— Conte uma, sem exagerar — e riu.

Genésio desimportou-se do riso. Para a mulher, suas histórias eram fantasiosas e exageradas. Ele se defendia: “mas, o público se envolve”, dizia e se calava. Nada havia a dizer, pois, contador de histórias profissional que era, as observações da mulher lhe soavam como elogio.

Genésio ergueu a taça de vinho:

— Catarina, que alegria reencontrar esse amigo de muitos anos

— bateu a taça na da mulher -. Um brinde a ele.

— A ela também, machão! — brincalhou um sorriso e bebeu do vinho.

— Ela eu conheço há pouco, ele não, se defendeu meio sem graça.

Catarina deixou o assunto de lado:

— Afinal, como era o Sérgio?

— Ainda bem que ele não nos ouve — deu um sorriso — Acredito que ficaria bravo da gente relembrar seu passado. Mas, aconteceu né?! Fazer o quê?

— Nossa, que demora para contar a história. Tô te estranhando.

Genésio se inquietou na cadeira, bebeu um gole, se ajeitou novamente:

— Falar do passado me incomoda. Ainda mais quando envolve pessoas queridas, como o Sérgio.

— Nossa, Genésio, você está me assustando! O que ele fez de tão grave, para você falar assim, com esse ar sério?

— Ele se aproveitou de uma notícia de jornal e mentiu.

— Ah, Genésio, você está brincando, né? A coisa séria que ele fez foi mentir?!

— Foi e foi séria, muito séria. Muita gente saiu machucada. Olha que loucura, um rapaz de dezessete anos, a mesma idade de Sérgio à época, sofreu um acidente e foi jogado para fora do carro no viaduto. Pensaram que ele tivesse morrido. Quem sobreviveria a uma queda dessas? Mas, não encontraram o corpo. O mistério do desaparecimento virou notícia e seu nome saiu nos jornais. Era homônimo do Sérgio, acredita? Também era parecido com a foto publicada do rapaz e ele se aproveitou disso.

— Para se fingir de morto?

— E enganou todo mundo. Todos pensaram que ele tivesse de fato morrido. Sabe o que ele fez para acreditarmos? Comprou várias edições do jornal, uma, deixou na mesa da cozinha de sua casa, para avisar a família, e jogou as outras nas casas de amigos. Aí desapareceu.

Catarina não segurou a risada. Levantou-se para pegar mais vinho enquanto falava ao marido:

— Que cara maluco! Se fingir de morto para enganar as pessoas e a troco do quê? Eu, hein?! E quando ele apareceu?

— Quando saiu no jornal que encontraram o rapaz. E olha que história maluca saiu nos jornais. O rapaz que foi jogado para fora do carro caiu

▶ sobre um caminhão que passava sob o viaduto. Só não morreu porque a carroceria carregava algodão cru, imagine!

Genésio fez uma pausa, bebericou o vinho. A mulher não lhe deu muito tempo, insistiu para que continuasse. Genésio obedeceu:

— Se não tivesse presenciado essa situação, não acreditaria. Além de homônimo, eram parecidos. O Sérgio só voltou quando saiu a notícia, cinco dias depois. A família o tinha como desaparecido. Até boletim de ocorrência fizeram. Quando voltou, sabe qual foi a desculpa que deu? Essa foi a pior parte.

O telefone tocou na sala de visita ao lado. Ambos estranharam.

— Quem poderia telefonar num horário tão avançado? Se perguntou Catarina que levantou lépida da cadeira e foi atender. Gritou da sala:

— É o seu telefone, Genésio. E é a Márcia ligando.

— Então atende. Para ligar a essa hora deve ter acontecido alguma coisa.

— Oi, Márcia!

— Desculpe ligar a essa hora, mas estou desesperada. Sofri um acidente e estou aqui no hospital. (...) Não, não. Estou bem. Só o motorista que está meio mal. Eu não sofri nada, nenhuma fratura, nada. E o Sérgio, está aí?

— Aqui? Ele não está com você? Vocês saíram juntos.

— Ah, Catarina, é uma história maluca. Sem sentido. O motorista deixou o Sérgio para trás e pior...

— Espere um pouco Márcia, vou colocar na viva voz, assim o Genésio também ouve. Fala, Márcia.

— Oi, Genésio. Desculpe ligar a essa hora.

— Não se preocupe, Márcia, o Sérgio está bem?

— Isso que tentava explicar para a Catarina, Genésio. O Sérgio não está comigo. O motorista do aplicativo ficou com medo de dois motoqueiros e deixou ele para trás. E o que é pior, Genésio, o Sérgio pode ter sido sequestrado porque se ele não fosse estaria aí, com vocês, tenho certeza.

— Você já telefonou para ele, Márcia? Perguntou Genésio.

— Não tem como. O celular dele e a carteira ficaram comigo. Bem que o motorista falou que aqueles dois motoqueiros poderiam ser sequestradores. Eles sequestraram o Sérgio.

Estou certa disso. Caso contrário ele te pediria ajuda. Ele foi sequestrado Genésio.

— Márcia, onde você está?

— No hospital?

— No hospital? O que aconteceu?

— É o que estava explicando para a Catarina. O motorista, aquele maluco, além de deixar o Sérgio para trás ainda bateu o carro. Eu estou bem. Só preciso fazer uns exames antes de ser liberada, mas, não farei não. Preciso achar o Sérgio.

— Bom saber que está bem. Faça os exames sim, tem que fazer para sua garantia. Depois vem para cá. Diz antes uma coisa, porque você acha que ele foi sequestrado?

— Porque, enquanto aquele idiota do motorista saía em disparada, eu vi o Sérgio abordado pelos dois motoqueiros. Por isso, agora, tenho certeza. Ele foi sequestrado, Genésio. Pelo amor de Deus!

— Termine de fazer os exames e venha para cá. Vou até à comunidade. Se o Sérgio foi sequestrado, foi por gente daqui. Conheço o chefe deles e dou um jeito de saber. Quando chegar, terei alguma informação, se cuide e boa sorte aí. Beijos.

Logo que Genésio desligou o telefone, Catarina, sem falar nada, ligou o aparelho de som, selecionou uma lista de tangos e colocou o fone de ouvido. O marido, acostumado ao hábito da esposa de refugiar-se na música diante de situações tensas, apenas a observou dançar pela sala — só pararia quando estivesse calma — enquanto teclava no celular o número de Edson, o chefe da comunidade:

— Sim, Genésio, houve um sequestro sim. Uma burrada. Sequestraram o cara achando que era o Caetano Veloso. Mas, não é não. Eu não conheço o Caetano, mas dizem que ele é parecido. Para piorar, o cara está sem documento, sem nada, nem celular ele tem, acredita?

— E como é esse cara? (...) Sim. Sua aparência física, o jeito dele.

— É branquela, alto, cabelos brancos. Mais de sessenta, com certeza.

— Usa óculos?

— Óculos?! Usa. Usa sim. Lentes grossas.

— Edson, me deixa ir aí. Assim eu vejo se não é meu amigo. Se for, ótimo, tá resolvido! Se não for, confirmo que também não é o Caetano Veloso. Até porque acho que o Caetano não usa óculos e, nesse momento, está

fazendo shows junto com o Gil, em memória da Gal Costa.

— Fechado, Genésio. Assim você me livra de um abacaxi. Estou te esperando.

Desligou o telefone e dirigiu-se à mulher. Pegou-a pelos braços e começou a dançar, de forma brincalhona, na tentativa de acalmá-la. Com delicadeza, tirou-lhe o fone do ouvido, parou de dançar e explicou em linhas gerais o que faria na comunidade. Pediu-lhe que esperasse por Márcia, prestes a chegar.

Catarina acompanhou-o até o portão. Depois, foi para a sala de visitas e, falando em voz alta, serviu-se de vinho e sentou-se no sofá:

— Como a Márcia e o Sérgio se desencontraram? Eu a vi entrando no carro! E o Sérgio, sequestrado?! Por causa de uma eventual semelhança com o Caetano Veloso?! E a Márcia, coitada, sofreu um acidente no carro em que o marido deveria estar. Motoqueiro?! Não vi. A hora que ela chegar, terá que me explicar tudo direitinho.

Bebeu o último gole e levantou-se para encher a taça quando a campainha soou. Colocou-a sobre o aparelho e correu para receber a amiga que a abraçou e chorava em prantos. Catarina desvencilhou-se do abraço só depois da amiga acalmar-se e a levou para a sala de visitas, para que bebessem vinho e relaxassem.

Márcia aceitou de bom grado o convite sem, contudo, controlar o medo e as lágrimas que escorriam após o primeiro gole:

— E o Genésio? Ele conseguiu saber se o Sérgio foi sequestrado?

— Márcia, fique calma. O Genésio foi até a comunidade falar com o bambambã deles, o Edson. Houve um sequestro sim, mas não foi do Sérgio, foi de um cantor, parecido com o Caetano Veloso. Genésio foi lá, checar. Daqui a pouco ele chega.

— O Caetano Veloso foi sequestrado?

— Não, não. Um cara parecido com ele. Um sócia, gente assim, gente muito parecida, sabe?!

As mãos de Márcia começaram a tremer e seu choro aumentou. Catarina estranhou:

— Meu Deus, Márcia, você está chorando por causa do Caetano Veloso?

— Não, Catarina, por causa do Sérgio. Muita gente o acha parecido com o Caetano. ▶

► — É brincadeira! Ele não é nada parecido com o Caetano!

— Tem muita gente que acha. Uma vez, logo depois que a mãe do Caetano morreu, a Dona Canô, estávamos em férias, em Porto Seguro. Você sabe como ele fuma um cigarro atrás do outro, né?! Então, a gente voltava para o hotel e ele estava prestes a apagar a bituca quando um senhor negro, alto, bonito, com um colar no pescoço, desses de umbanda, candomblé, pediu a bituca. Sérgio lhe disse não — ele ficou meio sem graça —, tirou o maço do bolso e lhe estendeu um, rindo e dizendo que veneno ele fazia questão de dar inteiro.

Márcia parou de falar. Seu choro aumentou. Bebeu um gole de vinho. Afagou a mão de Catarina, que lhe acariciava o rosto, e continuou sua história:

— Quando entendeu que era uma brincadeira, deu uma risada, pegou o cigarro todo agradecido e perguntou ao Sérgio:

— Você é irmão do Caetano Veloso, né?!

— Claro que o Sérgio negou, mas ele insistiu:

— Compreendo. A mãe de vocês morreu faz pouco tempo e você está querendo se preservar. Respeito. Mas que você é irmão do Caetano, ah, você é! Obrigado pelo cigarro.

— Essa não foi a única vez que aconteceu. Tem várias. Entende agora porque estou apavorada. E se aqueles dois motoqueiros o sequestraram.

— Puxa, Márcia, vi nenhum motoqueiro não.

— Você fechou o portão antes deles aparecerem. Se o motorista não fosse tão maluco, era só esperar um pouquinho, o Sérgio estaria no carro e nada disso teria acontecido.

— E por que você acha que foram os motoqueiros os sequestradores?

— Porque eu os vi parar perto do Sérgio. Se não o tivessem levado, ele estaria aqui.

— Ele não te ligou?

— Não, Catarina, ele está sem telefone. Ficou na minha bolsa, junto com a carteira e os documentos. E se aqueles dois motoqueiros acharam que ele é o Caetano Veloso e o levaram?

— Com a chegada do Genésio a gente sabe. Márcia, até agora não entendi porque o Sérgio foi deixado

para trás. Por causa de dois motoqueiros?

— É. O motorista pirou ao ver os motoqueiros. Primeiro acelerou e parou. Aí um dos motoqueiros empinou a moto, o maluco do motorista saiu alucinado e eu gritando para ele parar. Até que bateu no poste.

Aos olhos de Catarina, Márcia tinha amainado seu espírito. Seu choro era intermitente e mais suave e seus balbucios mais claros. Efeito do vinho, ou da fala, a descarregar emoções? Ofereceu mais uma taça de vinho à amiga. Alguns segundos de silêncio constrangeram Catarina, mas afetaram a sensibilidade de Márcia que voltou a chorar e a balbuciar:

— E o motorista pode morrer.

— Não é hora de se preocupar com isso, Márcia. Ele está hospitalizado, sob cuidados médicos. E se morrer, fazer o quê? Foi um acidente. Isso não acontecerá não. Relaxe.

Catarina levou um pequeno susto ao ouvir a campainha:

— Não é o Genésio porque ele tem a chave. Quem será. Nessas horas é que faz falta um interfone com vídeo. Já falei para o Genésio, precisamos de um, mas ele é pão-duro.

Só parou o palavrório ao verificar pelo olho mágico e dar um grito de alegria:

— Márcia, é o Sérgio — e abriu o portão.

Sérgio, meio sem jeito, correspondeu ao abraço efusivo da amiga, sem entender o que estava acontecendo. Catarina fechou o portão e o conduziu para a sala:

— Estávamos preocupados com você. A Márcia tinha certeza de que você tinha sido sequestrado pelos motoqueiros.

Ao ouvir a voz do marido, Márcia pôs se a correr até jogar-se em seus braços:

— Aonde você se enfiou nesse tempo todo? Achei que tivesse sido sequestrado, balbuciava e o beijava, feliz.

Catarina os convidou para entrar:

— Vamos beber um vinho e entender o que aconteceu. Curiosidade é mortal. Vamos, pessoal — e os conduziu até a sala de visitas, ofereceu-

-lhes vinho e sentou-se. Márcia, desde a chegada do marido não lhe dava tréguas, querendo saber o que havia acontecido, sem, contudo, dar chance ao marido de responder. Catarina interveio:

— Vamos brincar de Jack, o estripador, e começar por partes. Aonde você foi parar, Sérgio, que sumiu?

— Desculpe, Catarina, antes preciso saber por que o motorista me deixou para trás. Achei que ele estivesse te sequestrando, Márcia. Fiquei apavorado. O que aconteceu?

— Quando ele viu os dois motoqueiros ele saiu feito louco. Mesmo gritando para ele parar, ele continuou e eu vi os motoqueiros pararem em sua frente.

— Quanta confusão! Eu conhecia os dois motoqueiros e, graças a eles, consegui saber que você estava aqui. Foi um trabalho danado te encontrar. Eles entenderam a situação e me deram carona. Logo encontramos o carro batido, mas ninguém sabia dizer para qual hospital você e o motorista foram levados. Quando achei, me informaram que você estava bem e havia saído a algumas horas. Voltei para pedir à Catarina e ao Genésio dinheiro emprestado para ir para casa. Achei que estivesse lá.

Catarina começou a rir, depois a gargalhar:

— E a gente vivendo um drama.

Sua gargalhada só terminou com o som de celular. Era o de Márcia. Entreolharam-se. Márcia pegou o telefone e exclamou ao descobrir quem ligava:

— É o investigador de polícia.

Sérgio e Catarina não entenderam, mas permaneceram em silêncio atentos.

— Boa-noite! Sim, ela mesma. Quê? Outro depoimento? (...) Sou suspeita? Por que faria isso, santo Deus! (...). Está bem, amanhã. Obrigada!

Márcia desligou o telefone e desatou a chorar, entremeando palavras e soluços:

— O motorista morreu. Descobriram que ele, antes do acidente, recebeu um golpe na cabeça. Suspeitam de mim! ❖

Cesar Augusto de Carvalho é escritor e poeta. Publicou 'Viagem ao Mundo Alternativo: A Contracultura nos Anos 80' (Unesp, 2008); os livros de contos 'Histórias de Quem' (Desconcertos, 2020) e 'Toca Raul' e a novela 'Raul & Eu' (Cintra, 2022). 'Curto-circuito' é seu terceiro livro de poemas, lançado em 2019 pela Patuá.



Senhorita coração solitário

Nos filmes que amo, amo tudo, até os personagens mais secundários.

Em *Janela Indiscreta* (Alfred Hitchcock, 1954), por exemplo, adoro uma personagem de que ninguém lembra, ou nem sequer sabe que existe. É a “senhorita coração solitário”.

Na verdade, só avistada de longe, pelos vãos das janelas de seu pequeno apartamento, ela nem nome tem. Digo, ninguém na história sabe seu nome. Mas é por esta melancólica denominação romântica que a chamam os protagonistas do filme.

Só para situar: o filme – disso vocês lembram – é a história desse fotógrafo profissional, Jeff, que quebrou a perna num acidente de trabalho e agora, enfiado numa cadeira de rodas, está temporariamente recluso em seu modesto apartamento de Greenwich Village, só visitado pela sua enfermeira, e pela noiva.

Sem nada a fazer, Jeff passa a maior parte do tempo na sua janela de fundos, espiando o pessoal de sua vizinhança. Por trás das muitas janelas do velho prédio, um mundinho de gente vive sua vidinha miúda, e assistir a esse espetáculo diário, a olho nu ou com binóculos ou outros dispositivos, é o divertimento maldoso de Jeff.

Pois uma das vítimas de sua curiosidade é essa solteirona, sem muitos dotes estéticos, magra, alva e meio ruiva, que vive sozinha, coitada, sonhando com o grande amor que nunca vem. Por isso mesmo, é apelidada por Jeff, sua noiva e sua enfermeira, de “Miss lonely heart”.

Uma cena bem sintomática no filme é aquela em que, numa noite qualquer, Jeff a espia servindo a ela mesma um jantar especial, com direito a velas e

tudo mais. Normal, se à mesa só houvesse um prato. Mas há dois, e duas taças de vinho. Sim, depois de levantar sua taça e brindar a um companheiro inexistente, a “senhorita coração solitário” abaixa a cabeça, se dobra sobre a mesa e desaba num choro incontido. De cá, Jeff levantara sua taça e brindara com ela, mas ela nem vira.

Em certa ocasião o filme mostra a “senhorita coração solitário” se aprontando e saindo de casa, em busca de uma distração, ou se for o caso, de uma oportunidade sentimental. Volta muito alegre, acompanhada de um rapaz visivelmente mais novo, e Jeff torce (junto conosco, claro!) para que tudo dê certo. Não dá. Daí a pouco, o rapaz, nada romântico, se revela um aproveitador vulgar que só quer uma transa e nada mais. Ele a agarra de mal jeito, ela reage com repulsa, e ele é empurrado para fora. A moça tranca a porta com força e, mais uma vez, desaba no choro.

O interessante é que, sem querer nem saber, essa personagem obscura e inominada tem, a certa altura dos acontecimentos, um papel importante no desenrolar da trama do filme.

Vocês lembram muito bem que o grosso da história é um horrendo feminicídio que acontece no prédio, num dos apartamentos do térreo, crime eventualmente desvendado pela curiosidade de Jeff. Curiosidade dele, de sua noiva, Lisa, e de sua enfermeira, Estela. Pois em dado momento em que o assassino está ausente, Lisa, do jardim, dá um jeito de, em busca de provas, pular pela janela e entrar no apartamento sinistro, momento em que o assassino retorna e a coisa complica. Talvez seja este o momento de maior suspense no filme todo.

Ora, neste exato instante a polícia

adentra o prédio. Coincidência? Milagre? Que nada. Acontece que um pouco antes disso, enquanto Jeff observava os movimentos do assassino, a sua enfermeira notara algo estranho no apartamento da “senhorita coração solitário”. A moça abrira um frasco inteiro de comprimidos e, deprimida, fazia menção de engolir. Alertado, Jeff telefona à polícia para o socorro. Nesse ínterim, ouve-se uma música que vem de um outro apartamento, no terceiro andar. Belíssima, a música detém o gesto da suicida, mas aí, a polícia já fora chamada, e, assim, chega a tempo para salvar Lisa das garras do assassino.

No desenlace, praticamente ninguém termina bem. O casal protagonista não resolve suas muitas incompatibilidades – ele, um fotógrafo pobre, agora com as duas pernas engessadas; ela, uma dondoca cheia de luxos, lendo o que ele detesta: uma revista de moda. E quanto ao restante dos residentes do prédio, estes retomam, sem novidades, nem progresso, a sua vidinha miúda.

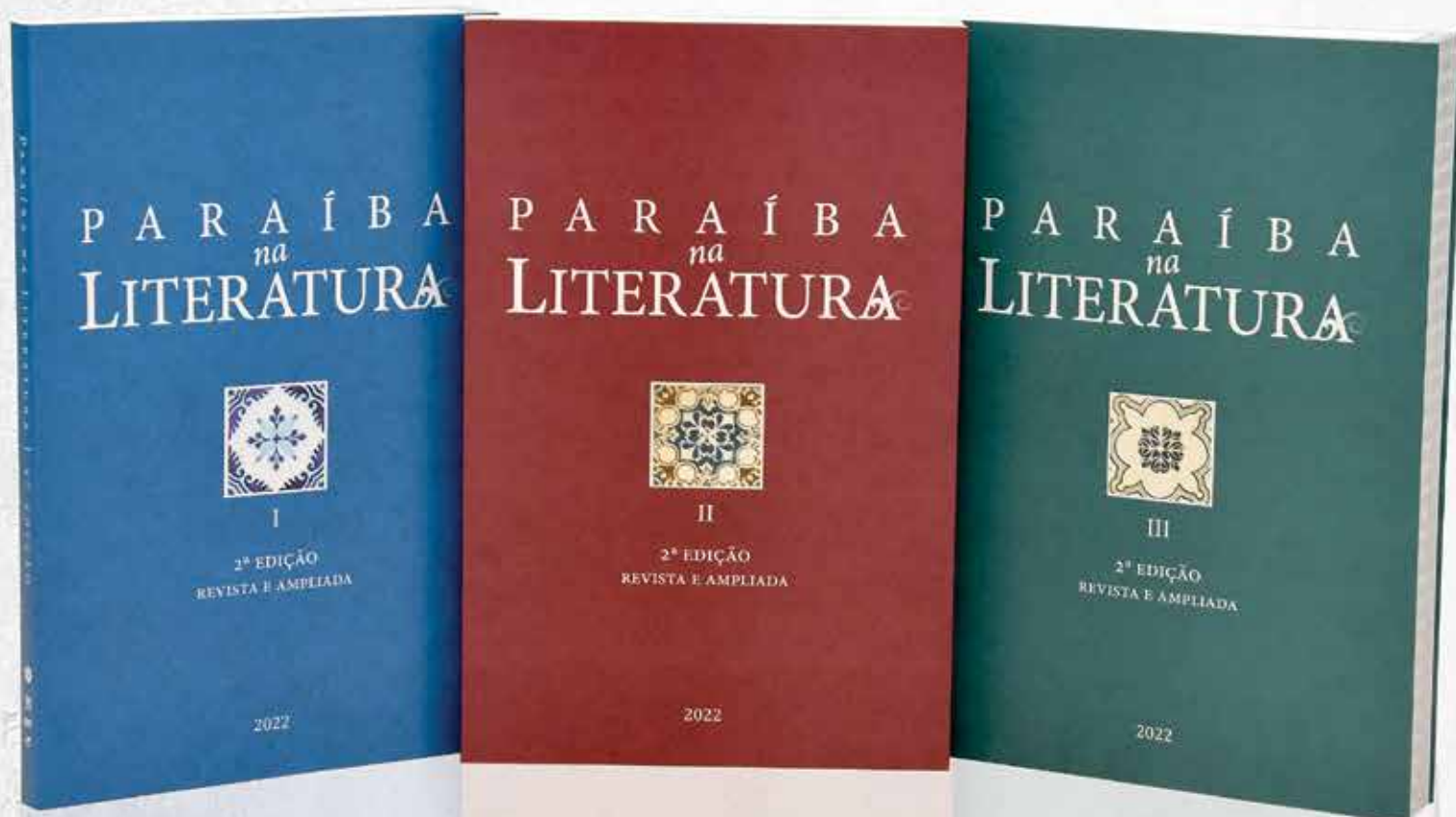
Pois bem, se há por acaso um *happy end* nesse filme sombrio, ele pertence à nossa “senhorita coração solitário”, ufa, ainda bem. Nas imagens finais, ela é vista no apartamento do terceiro andar, o do pianista, em conversa animada com aquele cuja bela composição musical salvara sua vida. Mesmo de longe é possível vislumbrar que o clima entre eles é, inconfundivelmente, de romance.

Um coração de senhorita que deixou de ser solitário. E viva o amor. ✦

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

PARAÍBA NA LITERATURA

Adquira nosso panorama da escrita paraibana



À venda, em conjunto ou separadamente

Contato comercial:

☎ (83) 98855.3199

📧 @editorauniao



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



EDITORA
A UNIÃO



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac